

INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS

Campus Ouro Preto

Jefferson Alexandre da Cruz

Espaços Cemiteriais do Centro Histórico de Ouro Preto:

Patrimônio Esquecido no Tempo

Ouro Preto

2017.

Jefferson Alexandre da Cruz

Espaços Cemiteriais do Centro Histórico de Ouro:

Patrimônio Esquecido no Tempo

Monografia apresentada à Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Orientador: Rodrigo Meniconi

2017

JEFFERSON ALEXANDRE DA CRUZ

ESPAÇOS CEMITERIAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO:
PATRIMÔNIO ESQUECIDO NO TEMPO

Monografia submetida à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós - graduação do Instituto Federal Minas Gerais *campus* Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovado em 18 de setembro de 2017 por:

Prof. Me. Rodrigo Otavio de Marco Meniconi (orientador)

Prof. Dra. Maria Cristina Rocha Simão

Prof. Dra. Marcelina das Graças de Almeida

A MORTE

A morte vem de longe
Do fundo dos céus
Vem para os meus olhos
Virá para os teus
Desce das estrelas
Das brancas estrelas
As loucas estrelas
Trânsfugas de Deus
Chega impresentida
Nunca inesperada
Ela que é na vida
A grande esperada!
A desesperada
Do amor fratricida
Dos homens, ai! dos homens
Que matam a morte
Por medo da vida.

Vinicius de Moraes

A Ouro Preto, cidade que suavizou

a caminhada sobre as pedras.

AGRADECIMENTOS

A Deus, motivo maior.

Aos meus pais e minha irmã, alicerce de tudo.

Aos zeladores dos cemitérios, dos quais tive contato, que com muita presteza contribuíram de forma fundamental.

Aos professores, grandes mestres que desempenharam papel mais que fundamental indo além da sala de aula. Em especial ao meu orientador, Rodrigo Meniconi, que com leveza e sabedoria tornou esse trabalho menos pesado. A professora Cristina Simão, que com dedicação esteve sempre disposta a me auxiliar e ao professor Alex Boher, a quem meu eterno agradecimento fica aqui registrado.

Gratidão eterna a minha amada amiga Cléo, sempre presente do início ao fim, presente que a vida me deu e o tempo sacralizou.

E por fim, aos meus grandes amigos, Tássia, Sarah, Leitão, JV, Gafanhoto, Larissa, dentre outros que fizeram parte de toda essa estrada, compartilhando dias que levarei na bagagem da vida.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre os cemitérios do centro histórico de Ouro Preto, sobre o viés de uma perspectiva cultural, legitimando-os enquanto espaços patrimoniais. A partir da secularização cemiterial, datada em meados do século XIX, será proposta uma análise histórica para que seja possível entender a importância desses lugares para a sociedade mineira, em especial, para a cidade de Ouro Preto. Serão abordados nove cemitérios, localizados na Zona de Proteção Especial da cidade, para que possam ser analisados seu estado de preservação, e potencialidades enquanto patrimônio cultural e o porquê da urgência em medidas de salvaguarda específica para esses.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitérios, Patrimônio cultural, Preservação.

RESUMEM

El presente trabajo es un estudio sobre los cementerios del centro histórico de Ouro Preto, sobre el sesgo de una perspectiva cultural, legitimándolos como espacio patrimonial. A partir de la secularización cementerial, datada a mediados del siglo XIX, se propondrá un análisis histórico para que sea posible entender la importancia de esos lugares para la sociedad minera, en especial para la ciudad de Ouro Preto. Se abordarán nueve cementerios, ubicados en la Zona de Protección Especial de la ciudad, para que pueda ser analizado su estado de preservación, sus potencialidades como patrimonio cultural y el porqué de la urgencia en medidas de salvaguardia específica para esos.

PALABRAS CLAVE: Cementerios, Patrimonio cultural, Salvaguardia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Mausoléu do ex-governador de Minas Gerais, Raul Soares, erigido em 1926. Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.	30
FIGURA 2: Edifício Necrotério construído em 1897. Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.	31
FIGURA 3: Mausoléu da família Matarazzo, considerado o maior da América do Sul com cerca de 26 mts de altura. Cemitério da Consolação, São Paulo.	32
FIGURA 4: Cemitério de São Miguel e Almas.	34
FIGURA 5: Projeto do portão de acesso do cemitério São Miguel Arcanjo, Ouro Preto.	36
FIGURA 6: Portão de acesso Cemitério São Miguel Arcanjo, Ouro Preto.	36
FIGURA 7: Vista aérea do cemitério de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima), Ouro Preto.	39
FIGURA 8: Atual portão de acesso que se dá na lateral direita aos fundos da Igreja. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	40
FIGURA 9: Vista frontal da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, Ouro Preto. Destaque para a antiga entrada de acesso do cemitério após a retirada dos gradis.	40
FIGURA 10: Igreja Nossa Senhoras das Mercês e Misericórdia, Ouro Preto, 1945. Destaque para o antigo acesso ao cemitério.	40
FIGURA 11: Visão geral do Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	41
FIGURA 12: Capela Mortuária em estado de ruína. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	41
FIGURA 13: Interior da Capela Mortuária em estado precário de preservação. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	42
FIGURA 14: Túmulo em granito Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	42
FIGURA 15: Túmulo vertical ornamentado em pedra de 1907. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	42
FIGURA 16: Túmulo em granito. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	42
FIGURA 17: jazigos Perpétuos. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	43
FIGURA 18: Gaveta ossuária vertical. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	43
FIGURA 19: Jazigo da Família Lobo Leite. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	43
FIGURA 20: Reparo no cemitério, devido ao deslizamento de 1970. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	44
FIGURA 21: Sequência de túmulos em estado de deterioração avançado. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.	44
FIGURA 22: Vista aérea da Igreja do Carmo, Ouro Preto. Na lateral direita a terceira edificação vem a ser o cemitério fechado por muros (indicado pela seta).	45
FIGURA 23: Vista panorâmica, na lateral esquerda a Igreja do Carmo, Ouro Preto. Na direita o cemitério de construção iniciada em 1829 e no centro o de gradil com início da edificação em 1801.	46
FIGURA 24: Jazigo ossário da família Vitorino Dias. Escultura em mármore com símbolos recorrentes na arte tumular: Pietá simbolizando o sofrimento, mas ao mesmo tempo o desejo em que a alma seja bem recebida. Atrás a representação de uma figura feminina, de olhar voltado para os céus com flores nas mãos, simbolizando a vitória da alma. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	47

FIGURA 25: Sequência de jazigos esculpidos em pedra, mármore e granito com detalhes ornamentais mortuários. Patologias devido as intempéries a que estão expostos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	47
FIGURA 26: Vista frontal do cemitério fechado. Portão de ferro emoldurado por cantaria, encimado pela emblemática da Ordem. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	48
FIGURA 27: Vista posterior do cemitério fechado. A parte curva sinuosa para fora refere-se a capela mortuária. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	48
FIGURA 28: Jazigo perpétuo dos Carmelitas, com entronização da imagem esculpida de Nossa Senhora do Carmo. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	49
FIGURA 29: Gaveta vertical de 1902. Irmã ouro-pretana da Ordem Terceira do Carmo, falecida em Paris. Epitáfio da lápide: “A bondade e formosura do coração”. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	49
FIGURA 30: Túmulo horizontal interno de 1903. Epitáfio: “ Mater pauperum fac faciamus quod fecisti beneficiendo”, Tradução: “ Mãe doa pobres, façamos como você fizestes o bem”. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	50
FIGURA 31: Manoel Teixeira de Souza, Barão de Camargos, Senador do Império entre 1860 e 1878. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	50
FIGURA 32: Túmulo vertical, Jazigo perpétuo da família do Senador do Império, Barão de Camargos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	50
FIGURA 33: Túmulo vertical do final do século XIX. Além dos diversos atributos mortuários presentes cabe destaque o detalhe das tochas invertidas, signo recorrente na arte tumular, simbolizando que mesmo após a morte o fogo da alma ainda permanece. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	51
FIGURA 34: Gaveta vertical onde encontra-se enterrado o ex-prefeito de Ouro Preto, Alberto Caram. Destaque para os três anjos esculpidos, motivo recorrente na arte barroca. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	51
FIGURA 35: Vista posterior do cemitério. Destaque para o formato curvo dos fundos da capela mortuária. Cemitério do Carmo.	52
FIGURA 36: Capela Mortuária. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	52
FIGURA 37: Interior da Capela Mortuária. Destaque para a o Retábulo de carapina e a Eça em madeira. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	52
FIGURA 38: Pintura do forro da Capela Mortuária. Com aparentes patologias causadas por xilófagos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	52
FIGURA 39: Retábulo degradado por xilófagos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	53
FIGURA 40: Placa informativa sobre as visitas ao museu e a Igreja, não há é mencionado o cemitério. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	53
FIGURA 41: Entrada pela escadaria lateral que dá acesso ao adro da igreja. Destaque para a placa informativa. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.	53
FIGURA 42: Vista aérea da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto e seu cemitério em anexo (sinalizado pela seta).....	54
FIGURA 43: Vista da frente e lateral direita do cemitério. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.....	55
FIGURA 44: Vista do cemitério desde a torre epistola. Destaque para o formato quadrangular da planta. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	55
FIGURA 45: portão do cemitério emoldurado por cantaria e encimado pela emblemática da ordem. As três caveiras de ferro no portão são atributos da ordem Franciscana, expressa no “vanitas vanitatum mementum mori”. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	56

FIGURA 46: Interior do cemitério. Em toda a extensão (nas paredes) verticalmente ficam enfileiradas as gavetas. Abaixo do alpendrado os túmulos verticais e centralizado ao fundo a Capela Mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	57
FIGURA 47: Vista frontal da Capela Mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	57
FIGURA 48: Vista posterior do cemitério. Destaque para a planta semicircular da capela mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	57
FIGURA 49: Placa informativa na localizada na entrada do cemitério, sinalizando que ali está o túmulo do pintor Guignard. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.	58
FIGURA 50: Vista aérea do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto, anexado aos fundos da Igreja, conforme sinaliza a seta.	59
FIGURA 51: Portão emoldurado por cantaria de verga curvada. Destaque para a bandeira com a data 1872 e os símbolos mortuários. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	59
FIGURA 52: Entrada do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	60
FIGURA 53: Frente do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	60
FIGURA 54: Túmulos e jazigos do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	61
FIGURA 55: Anexo do cemitério onde fica as gavetas ossarias. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	61
FIGURA 56: Gavetas ossarias. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	61
FIGURA 57: Capela Mortuária da Igreja Nossa Senhora das Mercês de Baixo.	62
FIGURA 58: Altar de pedra argamassada. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	62
FIGURA 59: Conjunto de campas na entrada da Igreja das Mercês e Perdões, Ouro Preto.	63
FIGURA 60: Vista aérea da Igreja Bom Jesus de Matozinhos e São Miguel e Almas, Ouro Preto. Na lateral esquerda aos fundos a entrada do cemitério da irmandade (sinalizado pela seta).	63
FIGURA 61: Entrada do cemitério de São Miguel e Almas. Ouro Preto.	64
FIGURA 62: Primeiro patamar do cemitério aos fundos da igreja. Cemitério São Miguel e Almas, Ouro Preto.	64
FIGURA 63: no chão os túmulos horizontais internos, ao fundo as gavetas verticais ossaria e ao centro a capela mortuária. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	64
FIGURA 64: vista do último patamar do cemitério para o primeiro, que encontra-se no nível da igreja. No chão ficam os carneiros. Nos paredões a frente (em níveis diferentes) as gavetas tumulares. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	65
FIGURA 65: Gavetas tumulares verticais. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	65
FIGURA 66: Gavetas verticais ossarias. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	65
FIGURA 67: paredão de gavetas ossárias, a frente os carneiros de chão e ao fundo a integração entre o bem e o conjunto paisagístico. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	66
FIGURA 68: Capela mortuária em 2015. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	66
FIGURA 69: capela mortuária em 2017. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	66
FIGURA 70: Em culto aos seus os túmulos são enfeitados com flores, vasos, velas e outros objetos. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	67
FIGURA 71: Cemitério enquanto parte integrante da paisagem. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.	67
FIGURA 72: Vista aérea do Cemitério das Dores, Ouro Preto, ao lado da Capela.	68
FIGURA 74: Cemitério de Nossa Senhora das Dores, Ouro Preto.	69
FIGURA 73: Portão de acesso ao cemitério. Cemitério das Dores, Ouro Preto.	69
FIGURA 75: Vista aérea da igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto, e seu cemitério aos fundos.	69

FIGURA 76: Vista do cemitério para os fundos do templo. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto. .	70
FIGURA 77: Portão de acesso ao Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.....	70
FIGURA 78: Gavetas ossarias do Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	71
FIGURA 79: Gavetas de sepultamento. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	71
FIGURA 80: Ossário comunitário em fase de termino. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	72
FIGURA 81: Primeiros jazigos perpétuos do cemitério, onde eram enterrados os padres. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	72
FIGURA 82: Túmulo Sr Juvencio Pinto. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	73
FIGURA 83: Túmulo Sr. Juvencio Printo. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.....	73
FIGURA 84: Sequência dos túmulos de maior interesse estético. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.....	73
FIGURA 85: Capela Mortuária Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.	74
FIGURA 86: Terreno da irmandade no qual se planeja ampliar o cemitério. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.....	74
FIGURA 87: Placa informativa sobre o dia de visitaçã. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.....	75
FIGURA 88: Vista aérea do cemitério da irmandade de São José, Ouro Preto, ao lado da igreja.	75
FIGURA 89: Frente do Cemitério de São José, Ouro Preto.....	76
FIGURA 90: Em meio aos carneiros simples de chão destaca-se o túmulo de Bernardo Guimarães. Cemitério de São José, Ouro Preto.	77
FIGURA 91: Inauguração do Mausoléu de Bernardo Guimarães, 1930. Cemitério de São José, Ouro Preto.....	77
FIGURA 92: Capela mortuária ao fundo e centralizado o cruzeiro em pedra. Cemitério de São José, Ouro Preto.....	78
FIGURA 93: Igreja de São Francisco de Paula e o cemitério da Ordem (sinalizado pela seta). Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	79
FIGURA 94: Foto interna do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto, com visada para a Igreja.	79
FIGURA 95: Frontispício do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.....	80
FIGURA 97: Sequência de túmulos antigos. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	81
FIGURA 96: Túmulo do início do século XX, com escultura em mármore representando a justiça. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	81
FIGURA 99: Túmulos se deteriorando e perdendo parte da sua arte. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.....	81
FIGURA 98: Cruz tumular esculpida em pedra. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	81
FIGURA 100: Lápides diversas cruzeiras amontoadas ao redor do cemitério, inclusive a do Fotógrafo Luiz Fontana. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	82
FIGURA 101: Cruzeiro em cantaria e aos fundos a Capela Mortuária do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.....	83
FIGURA 102: Interior da Capela Mortuária. Destaque para a peça de madeira. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.	83
FIGURA 103: Cemitério de São Francisco de Paula. Ouro Preto.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais.

APM - Arquivo Público Mineiro.

COMPATRI - Conselho Municipal de Patrimônio de Ouro Preto.

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo.

DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IEPHA - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico.

IFAC - Instituto de Filosofia, Arte e Cultura.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

ZPE - Zona de Proteção Especial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. AGREMIações RELIGIOSAS LEIGAS EM MINAS GERAIS, NOS SÉCULOS XVIII E XIX	17
3. CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	20
3.1 Patrimônio Cultural no Brasil e as diretrizes referentes ao espaço cemiterial.	22
3.2 Bens cemiteriais brasileiros tombados.....	28
3.2.1 Cemitério do Bonfim	29
3.2.2 Cemitério da Consolação	31
3.2.3 Cemitério de Saramenha	33
4. ESPAÇOS CEMITERIAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO: TRANSFORMAÇÕES E PRESERVAÇÃO DENTRO DE UM CONTEXTO PATRIMONIALISTA.	37
4.1 Cemitério da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia	39
4.2 Cemitério do Carmo	45
4.3 Cemitério de São Francisco de Assis.....	54
4.4 Cemitério de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo)	58
4.5 Cemitério Bom Jesus de Matozinhos	63
4.6 Cemitério de Nossa Senhora das Dores	68
4.7 Cemitério de Santa Efigênia.....	69
4.8 Cemitério de São José:.....	75
4.9 Cemitério São Francisco de Paula	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6. REFERÊNCIAS.....	88

1. INTRODUÇÃO

As igrejas erigidas nos séculos XVIII e XIX, no Estado de Minas Gerais, mais especificamente, na cidade de Ouro Preto, constituíram-se como importante espaço de fé para a sociedade mineira. Nesse cenário, verificamos uma atuação muito importante das Irmandades, Ordens Terceiras e Confrarias¹ na construção do acervo artístico e religioso nacional. Essas associações leigas exerceram um papel de extrema importância na cultura mineira, sendo responsável inclusive pela forma de divisão social.

Os templos religiosos eram espaços que abrigavam quatro funções principais: o culto litúrgico, as reuniões administrativas, os rituais fúnebres e o sepultamento dos membros.

É costume pio, antigo e louvável na Igreja Católica enterrarem-se os corpos dos fiéis cristãos defuntos nas igrejas e cemitérios delas: porque como são lugares a que todos os fiéis concorrem para ouvir e assistir às missas, ofícios divinos e orações, tendo à vista as sepulturas, se lembrarão de encomendar a Deus nosso Senhor as almas dos ditos defuntos, especialmente dos seus, para que mais cedo sejam livres das penas do Purgatório, e se não esquecerão da morte, antes lhes será aos vivos muito proveitoso ter memória dela nas sepulturas”.(VIDE,1853, p.295 citado por VIEIRA,2002, p. 9)

Contudo, no final do século XVIII foram sinalizadas proibições que interfeririam mais tarde nos rituais relacionados a morte:

[...] será a partir do século XVIII que alguns médicos, intelectuais iluministas e alguns eclesiásticos intensificaram a contestação dos enterramentos nas igrejas, prática que, no dizer de Voltaire, fazia dos templos autênticos “cloacas da podridão dos mortos”. (CATROGA, 1999, p.42 citado por ALMEIDA, 2007, p. 100)

No ano de 1789, foi enviada pela Rainha de Portugal uma carata ao bispado do Rio de Janeiro, cuja recomendação propunha a construção de cemitérios longe das igrejas, seguindo, dessa forma, o que vinha sendo feito na Europa, porém essa preocupação só veio a ser explanada de fato, no ano de 1798, quando o Senado da Câmara Municipal do Rio de Janeiro externou junto aos médicos a preocupação com a questão sanitária.

No dia 14 de janeiro de 1801, por meio de Carta régia, foi enviada ao Rio de Janeiro a proibição da realização do sepultamento no interior das igrejas e em suas dependências, sendo

¹ Associações religiosas leigas que atuaram em Minas Gerais, visto que era proibida a instalação de uma Ordem Primeira.

necessário, a partir desse período, a construção de um cemitério afastado da área central para realização dos enterros. Tal proibição foi influenciada por uma visão racionalista oriunda da medicina sanitaria francesa, cuja aplicação na legislação brasileira se deu como sua consequência.

Como destaca Vieira (2002), essa proibição acarretou uma revolta e grande descontentamento social e por parte da Igreja, visto que interferia diretamente na crença católica, que tinha no sepultamento em território sagrado, a certeza da salvação e o auxílio divino após a morte.

Que nenhuma pessoa de qualquer estado, condição, e qualidade que seja, enterre ou mande enterrar fora do sagrado defunto algum, sendo cristão batizado, ao qual conforme a direito se deve dar sepultura eclesiástica, não se verificando nele algum impedimento [...] pelo qual se deve negar. (VIDE,1853, p.295-296 citado por VIEIRA,2002, p. 8)

Além da Carta Régia de 1801 uma lei imperial de 1828 vinha reforçou toda ideia sanitaria e exigia a construção de cemitérios extramuros². Contudo a resistência em obedecer essa nova lei se dava pela questão religiosa e principalmente pelo seu caráter social³.

Em Minas Gerais a aceitação desse processo de secularização⁴ causou muitas resistências. Diante disso, a existência dessas práticas ainda permanecem⁵, como acontece na cidade de Ouro Preto.

Devido a esse contexto onde a laicização da morte propunha uma nova forma de sepultamento Nogueira (2013, p.12) pontua que a “convivência entre mortos e vivos dava os primeiros passos para sua separação”, o que levou posteriormente a construção dos cemitérios em lugares afastados da área urbana e de forma isolada.

Nos cemitérios, distantes de suas casas e igrejas, de suas paróquias, a céu aberto, os mortos encontrariam abrigos nos túmulos. Por isso, muitos deles reproduziram cenários de igrejas e de capelas, em escalas reduzidas, enquanto outros, com

2 Os cemitérios construídos em espaços extramuros são aqueles afastados das cidades, seguindo o que era proposto pelas medidas sanitarias adotadas no Brasil, a partir do início do século XIX.

3 Isso ocorria devido à importância social e religiosa do sepultamento no espaço sagrado. Quando enterrada dentro dos templos, além da ideia da salvação e proteção da alma a questão social também era explicita, pois representava poder. Vale ressaltar que somente os membros das agremiações religiosas poderiam ser enterrados nos templos, as pessoas menos abastadas eram enterradas do lado de fora e as de outras religiões sepultadas afastadas dos centros urbanos, muitas das vezes abandonadas em qualquer local.

4 Nesse sentido se refere a laicização da morte, proposta pelo iluminismo, ou seja, a separação entre Igreja e Individuo após a morte.

5 Embora tenha ocorrido a proibição do sepultamento no interior das igrejas e a construção de cemitérios extramuros, a partir do início do séc XIX, devido à resistência que ocorreu por parte da Igreja e da sociedade, ainda se realiza sepultamentos no solo sagrado, contudo em seus cemitérios anexos, e não no interior dos templos.

morfologias laicizadas, assemelhavam-se às residências de seus proprietários. Mas àquela altura não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um lugar na terra, sob a proteção de uma coberta, aos cuidados da família, para lhe proteger das intempéries, e também resguardar a imagem da conservação do corpo. (MOTA, 2010, p.56 citado por NOGUEIRA, 2013, p.12)

Um acontecimento que ilustra bem tamanho repúdio da sociedade diante desse cenário, sem dúvida, foi a revolta de 1836, em Salvador, intitulada cemiterada⁶. No livro “A morte é uma festa” Reis (1991) retrata esse episódio, narrando como se deu e quais os fatores que implicaram esse protesto, que destruiu por completo o cemitério público da cidade.

De grande rogamia cultural os cemitérios construídos nesse período são testemunhos exemplares de uma sociedade em transformação, baseada principalmente na religiosidade.

Nogueira (2013) coloca em debate a discussão do espaço tumular enquanto legítimo representante do patrimônio, cuja abordagem se baseia, principalmente, na sua importância para construção cultural:

Cemitérios de grande apelo histórico e artístico continuam à espera de uma oportunidade para se transformarem em patrimônio cultural da cidade e atrativos polos turísticos. Tais equipamentos, como grande parte dos complexos arquitetônicos localizados em áreas históricas da cidade, carecem de revitalização. A população que circula diariamente em seu entorno, na maioria dos casos não se dá conta de que ali existe um patrimônio, que pode ser utilizado em prol das próprias. (NOGUEIRA, 2013, p.37)

Apropriando do conceito acima, esse trabalho busca legitimar uma autonomia patrimonial de tais bens com a finalidade de poder, através da sua valorização, enquanto patrimônio, agregar valor histórico-cultural à cidade de Ouro Preto.

Embora já existam estudos sobre esse assunto em alguns Estados brasileiros, como Rio de Janeiro – Cemitério São João Batista, na capital – e em Minas Gerais – o Cemitério Bonfim, em Belo Horizonte -, esse trabalho quer trazer à tona essa discussão para o cenário ouropretano, pois, conforme pesquisado, todos os espaços cemiteriais de Ouro Preto (exceto o cemitério localizado no bairro Saramenha) não possuem acautelamento individual, sendo eles considerados apenas parte integrante do acervo da igreja tombada ao qual está inserido.

O principal objetivo dessa pesquisa é fortalecer os estudos no que tange o espaço cemiterial de Ouro Preto, visto que até o momento pouco foi produzido sobre o assunto. Os objetos de

⁶ No dia 24 de outubro de 1836 em Salvador ocorreu a intitulada cemiterada, forma de resistência por parte da Igreja junto com a sociedade perante a construção de um cemitério municipal extramuros. Essa revolta culminou na destruição total desse cemitério como forma de demonstrar o descontentamento com as novas medidas.

estudo em questão fazem parte de um importante conjunto arquitetônico cultural e religioso, constituindo assim um rico acervo, que pode ser considerado por diversos atributos:

O patrimônio cemiterial não é apenas aquele registrado em materiais tangíveis como obras, fotos e inscrições, mas o que todo esse conjunto pode representar, ou seja, o que se pode evocar do passado através dessa materialidade. São representações da memória que se encontram preservadas no patrimônio cultural funerário, sendo tais representações pontos que ativam a memória que nos serve de alicerce para o futuro, proporcionando transmissões de culturas de outras gerações, além de constituir material para a construção de identidades culturais. (NOGUEIRA, 2013, p.35)

Contudo, para além de sua representatividade, deve-se considerá-lo não apenas como bem imóvel integrante do acervo patrimonial, mas também sua função de pertencimento, memória, identidade cultural.

A temática sobre a morte, embora no Brasil ainda é tratado como tabu, possui um caráter muito importante, prova disso são os inúmeros estudos produzidos pela Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais – ABEC, uma associação específica de pesquisadores que tratam de temáticas referentes ao tema.⁷

Considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, a cidade de Ouro Preto possui uma importância grande relevância, no que se refere à história e à memória da sociedade brasileira, mais especificamente da comunidade mineira. Seus monumentos arquitetônicos são reflexo de poder de uma sociedade mineradora marcada pela soberania das organizações religiosas.

Grande legado dessas agremiações para Ouro Preto, são os cemitérios, uma vez que são locais ricos de memória, podendo nos dizer muito sobre nossa cultura, seja pelo viés artístico, arquitetônico ou cultural.

Dentro desta narrativa, da qual verifica-se uma importância simbólica atribuída aos espaços tumulares nos séculos XVIII e XIX, levanta-se a seguinte questão: qual a necessidade da salvaguarda desses espaços, localizados no centro histórico⁸ de Ouro Preto dentro de uma concepção patrimonial?

⁷ ABEC- Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, é uma organização criada em 2004 que congrega pesquisadores que se dedicam a estudar a narrativa da morte sobre as diversas perspectivas.

⁸ O termo Centro Histórico que será utilizado nesse trabalho na verdade é uma forma mais difundida de ser dizer ZPE- Zona de Proteção Especial de Ouro Preto. Essa denominação pode ser encontrada no Plano Diretor de Ouro Preto.

2. AGREMIÇÕES RELIGIOSAS LEIGAS EM MINAS GERAIS, NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Nesse capítulo o principal interesse será o entendimento do papel desenvolvido pelas irmandades, ordens terceiras e confrarias nos territórios das Gerais. Desta forma, não será problematizado as questões conflituosas entre elas. A abordagem aqui proposta será, então, apenas um recorte dentro do tema para subsidiar o trabalho.

Boschi (1986) em seu célebre livro “Os leigos e o poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais”, aponta o nascimento dessas organizações no contexto mineiro, como sendo algo indissociável da própria construção sociocultural da região.

Se em muitos locais as ordens primeiras⁹, juntamente com o poder absolutista do Estado, se firmaram como força centralizadora de domínio, no território das Minas, a corrida do ouro, datada no fim do século XVII, fez difundir ali uma cultura religiosa muito atípica das demais localidades do reino colonial.

O Estado Absolutista português impôs àquela capitania uma política religiosa que não permitia a presença e fixação de ordens religiosas, sob alegação de que os religiosos eram os responsáveis pelo extravio do ouro e por insuflar o não pagamento de impostos. Desde os primeiros descobrimentos de ouro nas Gerais, os religiosos, em geral, mas principalmente os frades, eram apontados como dos que mais contribuíam para a fuga do metal. (LACET, 2003, p.13)

Se por um lado o Estado proibia a instalação das ordens primeiras, por outro se fazia necessário a presença da “Igreja”. Nesse sentido, o surgimento de diversas agremiações religiosas veio a cumprir o papel espiritual e suprir uma demanda social.

As irmandades ofereceram para a Igreja uma dupla vantagem: foram simultaneamente gestoras e sedes de devoção, além de serem eficientes instrumentos de sustentação material do culto [...] substituíram o papel precípua do clero, como agentes e intermediárias da religião. No segundo momento, arcando com os onerosos encargos dos ofícios religiosos, eximiram esse mesmo clero de combater a instituição do Padroado régio [...] além de aliviar o Estado do compromisso de aplicação dos dízimos eclesiásticos recolhidos na implementação do culto religioso, os irmão leigos acabaram por absorver a responsabilidade dos serviços de toda a população colonial. (BOSCHI, 1986: p. 93).

9 Diferente das Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias, a Ordem Primeira não era formada por leigos e sim por religiosos consagrados que dedicam sua vida a Igreja, submetendo aos votos de pobreza, castidade e obediência, sempre seguindo as normas da Ordem de Compromisso. Toda ordem terceira estava submetida a uma Primeira.

Contudo, a constituição dessas, embora representassem uma força autônoma, colocava-se hierarquicamente abaixo do Estado, com isso, para que pudesse atuar deveriam submeter sua Ordem de Compromisso¹⁰ ao poder provincial, só a partir do parecer favorável, era dada como estabelecida.

É interessante observar como eram organizadas essas agremiações, sendo reflexo direto de uma sociedade elitista, segregadora e escravocrata. Sua estrutura se baseava pela estratificação social, seja por gênero, cor ou classe. Os lugares sociais eram bem definidos e delimitados, resultando na hierarquização vertical do sistema.

Distribuíram então as irmandades pelas três raças. Dentro da irmandade, cada irmão tinha amigos e sociedades, socorros espirituais e materiais; os que ocupavam cargos de diretoria tinham oportunidade para ganhar prestígio social e desenvolver suas qualidades de dominação. Havia ambiente para firmarem coletivamente; pertenciam a um grupo importante na vida social”. (MACHADO, 1991, p. 198).

Em Ouro Preto, um bom exemplo são as próprias denominações criadas: Irmandade de São José dos Brancos e Bem Casados; Irmandade do Rosário dos Homens Pretos; Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Crioulos e Pretos Forros, entre várias outras. A participação do indivíduo agremiação religiosa uma espécie de “passaporte social”, com isso, ser membro avalizava status e posicionamento perante a sociedade.

Desse abismo social e disputas, começou a ser moldada uma sociedade de traços elitista, onde o poder transpunha os limites pessoal e adentrava os templos. Prova disso era a constante disputa religiosa em busca de se firmar como uma poderosa agremiação. Assim nasceu os grandiosos templos, testemunho histórico, de alma barroca, contrastante e paradoxal:

Dentre esses, os ricos destacavam-se e chamavam sobre si a atenção de toda cidade. Daí o desejo de afirmar-se e reafirmar-se, de fazer-se e manter-ser “um”. Se a Igreja se tornara o foco de competição entre as freguesias rivais, seria também forçosamente a via de satisfação da vaidade pessoal”. (MACHADO, 1991, p. 196).

Considerando a morte como sendo uma das principais preocupações do indivíduo, o homem barroco buscou nessas associações leigas uma forma de livramento pós morte, afim da salvação eterna da alma.

Com isso, as tratativas ritualísticas relacionados à morte, acabaram sendo uma das principais benéncias oferecidas por elas:

¹⁰ Estatuto no qual fica expressa as normas e regras das agremiações religiosas.

Assegurar as pompas fúnebres constituía uma das mais importantes obrigações. Enterrar os mortos era colocado no mesmo nível de caridade que alimentar os famintos, abrigar os peregrinos, vestir os nus, visitar os doentes e os encarcerados. (ARIÉS, 1989, p.198)

A adesão do indivíduo a essas organizações leigas, significava uma espécie de garantia do bem morrer. As pompas fúnebres e os rituais de sepultamento eram obrigações das agremiações, que asseguravam o enterramento dos sodalícios no interior dos templos. A preocupação com o ritual fúnebre era tamanha, que na maioria das vezes o irmão¹¹ deixava registrado no testamento como seria realizado seu funeral, inclusive suas vestes¹².

Assim, se deu no decorrer de todo século XVIII até meados do XIX, quando a proibição do enterro no interior das igrejas veio alterar de certa forma as práticas de sepultamento. Começou, nesse contexto, a construção dos cemitérios anexados aos templos, sinalizando a rejeição dos fiéis e da Igreja no que tange a secularização cemiterial.

¹¹ Irmão no sentido de serem filiados a uma determinada agremiação religiosa.

¹² Geralmente o habito da Ordem, ou roupas próprias, para o ritual a depender de cada agremiação.

3. CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

Os cemitérios são bens culturais cujo valor não se encontra apenas em seus registros materiais, mas sim por tudo o que seu conjunto significa. Sendo assim são espaços de grande riqueza capazes de traduzir um contexto social, representando a relação do indivíduo com seu lugar, repleta de significados socialmente compartilhados. Desta forma, contribui como forte testemunho da história.

Acerca disso, Almeida (2013) afirma:

É nítida a compreensão de sua importância para se entender um pouco mais acerca das sociedades das quais são testemunhas. Estes lugares foram e ainda são espaços de cultura e neste sentido reproduzem em seus túmulos, mausoléus e ornamentação, o imaginário social. (ALMEIDA, 2013, p.1975)

Em função dessa ideia de construção social, Nogueira (2013) pondera no tocante de importância dos cemitérios não apenas pela sua materialidade, mas considera seus fatores transcendentais como os principais responsáveis pela sua significação, como um lugar de memória.

As paisagens cimiteriais nos conduzem a possibilitar não somente a existência de um patrimônio arquitetônico devido às suas construções, mas a valores, tradições, tensões, conflitos e modos de enraizamento que se caracterizam por constituírem um conjunto de relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Mais do que um espaço responsável por catalogar e resguardar restos mortais humanos, os cemitérios compreendem espaços sagrados onde ocorrem manifestações socioculturais múltiplas, onde o homem se relaciona com o sobrenatural e se faz questionar sobre os antepassados e o sentido de sua existência. (NOGUEIRA, 2013, p.31)

Considerando os aspectos citados, infere-se que o espaço tumular é de fundamental importância para a manutenção da memória, constituindo uma visita ao passado afetivo, individual ou coletivo, capaz de relatar fatos memoráveis de uma sociedade, cuja narrativa muitas das vezes não está descrita em documentos. Sobre isso:

Os cemitérios são lugares onde o cotidiano imagético funciona como forma não apenas de legitimação do hábito de gerações passadas, mas também como um espaço que deve ser entendido como detentor da memória no tempo próximo. Coexistem em um cemitério inúmeras memórias coletivas. Ao serem eternizadas em monumentos-documentos, ou seja, registros permanentes, essas memórias não perdem seu caráter específico, sua vinculação ao grupo que as produziu. E devemos considerar que nem todas as memórias produzidas foram registradas. Muitas perderam-se no tempo, tornando os vestígios do passado resguardados em

fragmentos de memória coletiva produzida pela sociedade. (NOGUEIRA, 2013, p.32)

No trecho anterior, Nogueira (2013) corrobora uma ideia da qual os cemitérios possuem um valor exponencial enquanto monumento-documento, cujo valor está expresso na sua representatividade permanente. Desta forma, diversos diálogos podem ser construídos a partir desse espaço, onde na maioria das vezes os registros não existem.

A singularidade do espaço tumular, enquanto patrimônio, nem sempre está em sua monumentalidade, mas principalmente em sua atemporalidade e multiplicidade de histórias que ali habitam.

Vale ressaltar que nem todos os cemitérios apresentam uma produção tumular rica em ornamentos. Observamos que essas características podem ser apreciadas principalmente espaços de sepultamento oitocentistas¹³, cujas raízes estão ligadas a laicização da morte e ao afastamento dos mortos com o convívio dos vivos, contudo, isso não quer dizer que o mesmo não possua importância cultural.

No que tange a materialidade dos cemitérios, Carrasco (2009) cita a existência de três aspectos principais capazes de agregar valor patrimonial a esses lugares. O primeiro deles trata-se do valor ambiental urbano, que muitas das vezes se misturam nas malhas dos centros históricos, tornando-se uma coisa única:

O valor de caráter ambiental/urbano está relacionado aos espaços destinados aos cemitérios que, muitas vezes, estão inseridos nos núcleos históricos das cidades e representam espaços abertos que preservam suas áreas verdes. (CARRASCO, 2009, p. 24-25)

O segundo critério seria o valor artístico, identificado principalmente pelas obras tumulares seus atributos estéticos:

O valor artístico desses espaços está relacionado aos artefatos integrados à arquitetura tumular com função ornamental, pela sua riqueza de elaboração, especialmente, em ferro fundido e forjado, bem como ao mobiliário urbano e às obras de arte de artistas renomados ou não. (CARRASCO, 2009, p. 25)

Já o valor histórico, estaria ligado principalmente a características intangíveis enquanto espaços de memória individual e coletiva, capaz de nos remeter a história:

¹³ Cemitérios oitocentistas são os construídos no século XIX com características monumentais. Se antes o enterro no interior do templo garantia status, nesse novo momento, os jazigos monumentais passam a expressar essa lógica.

Quanto ao valor histórico, considera-se que é nesses espaços que repousam os restos mortais de pessoas, ilustres ou não, que contribuíram de alguma forma para a história da humanidade. São espaços de memória, onde as lápides registram dados importantes para a história – datas, nomes e epitáfios. (CARRASCO, 2009, p. 28)

Por fim, o autor conclui indicando o papel dos cemitérios enquanto detentor de uma narrativa cultural, cujo conjunto artístico, estético e construtivo são capazes de nos remeter a história de uma cultura:

A história da arquitetura local pode ser estudada no cemitério tradicional, uma vez que os padrões estéticos, materiais e técnicos da arquitetura da cidade são reproduzidos na arquitetura tumular. É possível, também, identificar empresas e artesões que deixaram registradas suas marcas nas obras realizadas nos cemitérios. (CARRASCO, 2009, p. 28)

Considerando essas variáveis, o conceito de “cemitério patrimônio” passa a nos remeter não apenas a características tangíveis, mas transpõe a esse ponto e nos leva a sua intangibilidade enquanto bem cultural detentor de memória e história.

3.1 Patrimônio Cultural no Brasil e as diretrizes referentes ao espaço cemiterial.

Ao discutirmos sobre o patrimônio cultural no Brasil, geralmente nos deparamos com autores que sempre referenciam tal pensamento com raízes ligadas a criação do SPHAN¹⁴- Secretaria do Patrimônio Artístico e Nacional, em 1937, contudo fontes documentais atestam que bem anterior a isso tal ideia já era debatida, desde meados do século XVIII.

A primeira notícia que se tem de alguma iniciativa visando a proteção de monumentos já data de meados do século XVIII: D.Andre de Melo e Castro, Conde das galveias, Vice-Rei do Estado do Brasil de 1735 e 1749, ao tomar conhecimento das intenções do governador de Pernambuco a respeito de construções ali deixadas pelo holandeses, escreveu-lhe uma carta onde demonstrava notável percepção da complexidade que envolve os problemas de proteção a monumentos históricos. (SPHAN, 1980, p.9)

Porém apenas em 1927 de fato tivemos o primeiro órgão com tratativas relacionadas a proteção do patrimônio, a Inspeção dos Monumentos Históricos dos Estados Unidos do Brasil:

O Congresso Nacional resolve: Art.1º Fica criada, com sede na cidade do Rio de Janeiro, a Inspeção dos Monumentos Históricos dos estados Unidos do Brasil, para o fim de conservar imóveis públicos ou particulares, que no ponto de vista da história ou da arte revistam um interesse nacional. (SPHAN, 1980, p.33)

¹⁴ Primeira nomenclatura do atual IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Conforme narra à publicação do SPHAN (1980) intitulada “Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: Uma Trajetória”, a partir do século XVIII várias tentativas de criação de leis, com intuito da salvaguarda do patrimônio cultural foram realizadas, porém sem muito sucesso e com grande limitação na maioria das vezes. Levando em consideração a fragilidade e pouco abrangência da legislação competente sobre o patrimônio cultural propostas até 1937, de fato devemos nos debruçar sobre o decreto lei 25 para legitimar uma eficácia concreta na preservação patrimonial. Contudo, é inegável a importância que as medidas anteriores tiveram até a implementação do decreto.

Com a criação do SPHAN, atual IPHAN, o país passou a ter um órgão federal incumbido exclusivamente na proteção do patrimônio cultural nacional, garantindo assim sua salvaguarda. O grande avanço veio a partir dessa criação, quando em 1937 foi instituído o decreto lei 25 que possibilitou um novo cenário, onde o patrimônio passou a ser visto como algo institucionalizado. Era proposto a seguinte definição:

Art. 1º Constituem o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937).¹⁵

Outro capítulo importante para a preservação cultural se deu na Constituição Federal de 1988, onde o conceito de patrimônio Cultural foi abrangido. Desta forma, passa-se a fazer a seguinte leitura:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I as formas de expressão; II os modos de criar, fazer e viver; III as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).¹⁶

Além da ampliação conceitual, onde passou a fazer parte do patrimônio cultural os bens imateriais, a retirada do caráter excepcional e monumental foi sem dúvida um grande ganho. É apontado também o papel fundamental da sociedade e do poder público enquanto

¹⁵ Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Dispõe sobre Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. DOU, Poder Executivo. Rio de Janeiro, RJ, 30 de nov. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm> Acesso em 06 de junho de 2017).

¹⁶ Constituição da República Federativa do Brasil, 05 de outubro de 1988. Artigo 216, dispõe sobre constituição do patrimônio cultural. DOU, Poder Executivo. Brasília, DF, 05 de Outubro de 1988. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/ind.asp> Acesso em 06 de junho de 2017.)

responsáveis por esses. Conferia, nessa perspectiva, a ambas partes as punições cabíveis ao não cumprimento, propondo inclusive as medidas necessárias (ainda que de forma ampla) para sua salvaguarda.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.
 § 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.
 § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988).¹⁷

Em relação aos bens cemiteriais, não encontramos legislação específica para salvaguarda, contudo, pontualmente ainda que em caso bem específico, encontramos uma ressalva descrita na Lei nº3.294, de 26 de julho de 1961. Ela nos aponta a importância da preservação desses espaços enquanto potencialidade capaz de subsidiar pesquisas de interesse arqueológico:

art.2 Os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico; Art 5º Qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos monumentos a que se refere o art. 2º desta lei, será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais. (BRASIL, 1961).¹⁸

Castro (2008) cita algumas tentativas legais, ainda na década de 60, feitas por meio de anteprojeto de lei, visando a proteção dos espaços cemiteriais, contudo não foram aprovadas:

Art. 1o - São insusceptíveis de transação ou negócio de qualquer espécie os túmulos perpétuos, de interesse histórico e artístico, nos cemitérios públicos. Art. 2o - Os órgãos técnicos federais, estaduais ou municipais competentes declararão às entidades responsáveis pelos cemitérios públicos quais os túmulos cujo interesse histórico e artístico os coloca sob a proteção da presente lei. Art. 3o - Será considerada nula, não podendo ser registrada nos livros próprios dos cemitérios públicos, qualquer escritura que envolva alienação onerosa ou gratuita, por parte de descendentes, ou cessão de uso, dos túmulos a que se refere o art. 1º. (PT nº 778-T-66 citado por CASTRO,2008, p.84)

No mesmo ano, Afonso Arinos¹⁹ demonstrou sua preocupação com esses lugares encaminhando outro anteprojeto, que da mesma forma não prosseguiu. A tratativa seguia em suma a anterior, proibindo a cessão ou venda dos túmulos a outros, na tentativa de impedir alterações ao acervo:

¹⁷ Constituição da República Federativa do Brasil, 05 de outubro de 1988. Artigo 216, dispõe sobre constituição do patrimônio cultural. DOU, Poder Executivo. Brasília, DF, 05 de Outubro de 1988. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/ind.asp> Acesso em 06 de junho de 2017.

¹⁸ Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. DOU, Poder Executivo. Brasília, DF, 26 de julho de 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm> Acesso em 06 de junho de 2017.

¹⁹ Afonso Arinos além da carreira política atuou também como conselheiro consultivo do IPHAN.

Art. 1º - Os monumentos funerários perpétuos, de valor histórico ou artístico, existentes nas necrópoles e cemitérios religiosos ou leigos, como bens fora do comércio, não podem ser objeto de cessão a terceiros não pertencentes às famílias usuárias, ainda mesmo a título gratuito. Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (PT nº 778-T-66 citado por CASTRO,2008, p.84-85)

Um grande passo no que tange o acervo tumular vislumbrou-se no “Compromisso de Brasília, de 1970”, onde era apontado a necessidade imediata da criação de uma legislação específica para a salvaguarda dos cemitérios e/ou túmulos de interesse artístico e histórico. Porém a indicação não foi seguida conforme sinalizava o documento.

Fonte de extrema importância para a valorização do cemitério enquanto patrimônio cultural é a “Carta dos Jardins Históricos Brasileiros dita Carta de Juiz de Fora, 2010”, que definiu diretrizes capazes de subsidiar a salvaguarda dos bens tumulares. Baseada nos conceitos da carta de Florença, o presente documento diz:

Para efeito desta carta, considera-se Jardim Histórico: os sítios e paisagens agenciadas pelo homem como, por exemplo, jardins botânicos, praças, parques, largos, passeios públicos, alamedas, hortos, pomares, quintais, e jardins privados e jardins de tradição familiar. Além desses, jardins zoológicos, claustros, pomares, hortas, cultivos rurais, cemitérios, vias arborizadas de centros históricos, espaços verdes circundantes de monumentos ou de centros históricos urbanos, áreas livres e espaços abertos, em meio a malha urbana, entre outros. (CARTA JUIZ DE FORA, 2010, p.2)

A Carta de Juiz de Fora (2010, p.3) ainda sinaliza para a necessidade da salvaguarda desses bens ponderando que: “preservá-los não se trata apenas de cuidar de um legado do passado, mas de criar condições para novos bens que irão enriquecer a herança do futuro”.

Interessante observar a forma incisiva que é apontada para diretrizes a serem seguidas visando acautelamento destes bens, muito embora não tenha valor de lei, trata de recomendações legítimas:

Dentre as ações iniciais para proteção dos jardins históricos está a identificação, relacionada ao reconhecimento e registro ordenado desse tipo de bem cultural e dos elementos que o compõem. A realização do inventário é fundamental a identificação do jardim histórico por meio de pesquisa e levantamento das características e particularidades de determinado bem, adotando-se para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados, de natureza histórica, artística, arquitetônica, sociológica, paisagística, e antropológica entre outras. (CARTA JUIZ DE FORA, 2010, p.6)

Outro ponto bem elaborado nessa tratativa é a afirmação contundente da importância do acautelamento para assegurar a perenidade através da salvaguarda:

Em termos legais, proteger é criar condições para que um monumento, área ou sítio arqueológico, perdure e se desenvolva de forma íntegra e autêntica. A proteção física dos jardins históricos garante a segurança contra roubo, vandalismo, ataques ambientais, ruídos, e intrusões visuais. Como forma de assegurar a defesa e salvaguarda, os jardins históricos devem ser objeto de acatamento legal. (CARTA JUIZ DE FORA, 2010, p.6)

Também merece destaque o valor atribuído aos bens citados nessa carta. Ela não se detém apenas ao seu valor material, ressalta, nesse sentido, o conceito de valor simbólico intrínseco a esses objetos, a fim de garantir sua integridade e autenticidade:

Os jardins históricos devem ser considerados segundo seus valores, que se referem tanto a seu significado quanto a sua materialidade, levando em conta o estado de conservação, os materiais empregados, desenho e localização, assim como o entorno. Qualquer legado do passado sofre transformações ou deterioração tanto por consequência do desgaste natural quanto pelo uso. A soma das diferentes modificações acaba por se converter em fator componente do caráter histórico e do material essencial ao bem cultural. O material essencial representa o valor intrínseco do bem e é o suporte dos testemunhos históricos e dos valores culturais associados, do passado e do presente. A meta da preservação e salvaguarda a qualidade e os significados do bem, proteger o material essencial e assegurar a integridade e autenticidade para as gerações futuras. (CARTA JUIZ DE FORA, 2010, p.7)

Por fim, é feita recomendações, considerando que pela carência de um instrumento legal que contemple especificamente esse acervo, seja recorrida essa carta, sugerindo inclusive, meios de discussão ou grupos organizados que sirvam de aporte para o assunto:

Levando em conta que os jardins históricos brasileiros devem ser regidos pelas normas dessa carta enquanto não se dispuser de um instrumento adequado as suas especificidades, e considerando a importância da existência ou constituição de associações e fundações para a gestão dos jardins, sugere-se a criação de um fórum para a discussão de assuntos referentes a jardins históricos, de conselho ou associação brasileira dos jardins históricos. (CARTA JUIZ DE FORA, 2010, p.12)

A arte monumental tumular ainda representa o grande fator que respalda atualmente as medidas protetivas dos espaços cemiteriais, contudo já vimos que não deve ser a única justificativa. Castro, (2008) em sua pesquisa apresenta um guia desenvolvido pelo National Trust of Australia (NSW) capaz de subsidiar critérios orientadores para uma possível medida de proteção do patrimônio cemiterial.

O National Trust of Australia (NSW), a instituição que produziu o guia, elaborou uma lista com dez valores específicos para cemitérios. Esta instituição adotou os valores patrimoniais descritos na Carta de Burra (1980) e na Carta do Patrimônio Natural da Austrália e aplicou-os diretamente para cemitérios. Estes critérios ou valores patrimoniais estão abaixo identificados e podem ser utilizados como base para contemplar diferentes elementos que o guia considera, como essenciais, no processo avaliativo destes patrimônios, a saber: 1 - Valores históricos; 2 - Valores religiosos; 3 - Valores sociais; 4 - Informações genealógicas; 5 - Valores artísticos, criativos e ou sobre uma técnica construtiva; 6 - Valor local, ou seja, sua importância com relação ao seu entorno natural e edificado; 7 - Valores

paisagísticos; 8 - Elementos botânicos, ou seja, conter exemplares de planta rara ou nativa; 9 - Existência de elementos de apoio à vida natural - cemitério como habitat natural; 10 - Por guardar os antepassados (CASTRO, 2008, p.88)

Ainda de acordo com Castro (2008) a Carta Internacional de Morélia²⁰, possui importância indiscutível, na patrimonialização do espaço fúnebre já que sinaliza para a sua necessidade de sua preservação.

Em suma, a Carta colabora muito no entendimento do que vem a ser de fato o patrimônio funerário, apontando seu valor não apenas enquanto bem material mas pelo seu aspecto imaterial, expresso através dos ritos, realizados em cada cultura.

Dentre os principais problemas identificados na manutenção desse acervo, é citado além das mudanças culturais, na qual a memória muitas vezes não tem grande papel, o aumento populacional, em contraponto aos espaços cemiterias que na maioria dos casos são reduzidos, desta forma, a oferta de sepulturas não cumpre a demanda social.

Por fim, a Carta indica instrumentos de proteção capazes de salvaguardar esse patrimônio tão estimável. Nesse aspecto, o que de mais importante fica entendido é a necessidade de se inventariar esse bem, criando registro documental desse acervo de fundamental importância para nosso entendimento enquanto cultura, isso é claro estando sempre alinhado a outras medidas necessárias para sua preservação, mantendo assim sua integridade e identidade.

Avaliando todas as ponderações feitas até o momento identifica-se nitidamente o acervo cemiterial de Ouro Preto como patrimônio cultural, visto a riqueza cultural existente. Através da leitura desse capítulo, fica claro a necessidade latente de uma proposta de diretrizes que contribuam diretamente para salvaguarda desses bens de valor incontestável.

²⁰ A “Carta Internacional de Morélia” vem a ser um documento internacional criado no ano de 2005, no 1º Congresso Internacional de Valorização e Gestão de Cemitérios Patrimoniais e Arte Funerária. Realizado na cidade de Morélia no México trata-se de uma discussão exclusivos sobre o tema. Vem a ser talvez o documento mais completa nesse viés.

3.2 Bens cemiteriais brasileiros tombados

Em diversos países os cemitérios já são tratados como patrimônio cultural, sendo em muitos casos espaços de visitação turística. Cabe ressaltar aqui a Argentina e Itália, países esses onde a preocupação com o acervo cemiterial é singular sendo dotada inclusive de tratativas próprias para arte tumular e sua salvaguarda.

No Brasil ainda caminhamos timidamente nessa direção, contudo, percebe-se ao longo das últimas décadas muito interesse nesses bens. Prova disso são os inúmeros estudos já desenvolvidos nessa área.

Embora na legislação brasileira (que envolve o patrimônio cultural) pouco se caminhou para difundir os espaços fúnebres como pertencentes a essa categoria, já contamos com alguns casos de acautelamentos, a fim de protegê-los, seja por meio do IPHAN, IEPHA ou das prefeituras municipais.

De acordo com site do IPHAN, encontramos concluídos ou em processo de tombamento 22 bens tumulares, considerando o espaço completo, ou obras específicas relacionados a arte mortuária. Desse total 11 já estão tombados; 7 em andamento e 4 indeferidos. Dessa listagem apenas 3 estão localizados em Minas, sendo que dois ainda estão em fase de instrução e apenas um encontra-se tombado pelo IPHAN.²¹

Acautelados pelo IEPHA, encontramos apenas o edifício necrotério do centenário Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte e o Túmulo do Dr. Lund, localizado em Lagoa Santa.

No que se refere à proteção municipal das cidades mineiras não foram feitos levantamentos, visto a vasta quantidade de localidades. Levando em consideração essa questão, apontaremos apenas a cidade foco do trabalho, Ouro Preto, onde apenas o cemitério de Saramenha²² encontra-se tombado individualmente pelo município.

²¹ Túmulo do Dr. Lund (1801-1880) em Lagoa Santa, tombado em nível estadual e federal.

²² Conhecido como cemitério de Saramenha, devido ao bairro que está localizado, atualmente o bem municipal está cedido a Irmandade de São Miguel Arcanjo da Paróquia de Cristo Rei.

3.2.1 Cemitério do Bonfim

Edificado em 1897 juntamente com a construção da capital mineira, o Cemitério do Bonfim, foi planejado seguindo os mesmos princípios iluministas e baseando-se nos novos valores republicanos. Sobre isso Almeida (2013) acrescenta:

Concebida dentro do ideário republicano a rejeição a valores tradicionais de feição colonial. Neste sentido o hábito de sepultar os mortos nos adros dos templos foi proibido e novos espaços foram a eles destinados. As medidas tomadas pela Comissão Construtora da Nova Capital em relação à desativação dos sepultamentos eclesiais foram determinações importantes para a efetivação do projeto que culminou na construção da capital. (ALMEIDA, 2013, p. 1978-1979).

Desta forma, foi construído afastado do centro urbano o primeiro espaço cemiterial secularizado de Belo Horizonte, trazendo consigo toda grandiosidade, reflexo da própria cidade que acabara de nascer:

Erguido fora do perímetro urbano o cemitério absorveu, em seu projeto e concepção, o imaginário da cidade a que estava destinado servir. O planejamento de sua localização implicava, também, projetar sua linguagem estética e arquitetônica. Para isto a equipe de arquitetos e desenhistas da Comissão Construtora da Nova Capital elaborou projetos que definiam os aspectos básicos do local, desde o portão principal, casa do zelador e necrotério. (ALMEIDA, 2015, p.1)

Nascido numa perspectiva laicizante, cuja democratização do espaço cemiterial torna-se mais visível, verificamos no Bonfim uma nova forma de qualificação social após a morte: se antes o sepultamento dentro dos templos assinalava a “importância social do indivíduo” nesse momento dava-se através da arte tumular, repleta de belas ornamentações.

Reconhecido pela sua monumentalidade típica dos cemitérios oitocentistas, representadas principalmente pelo seu conjunto escultural, encontra-se no Bonfim, diversas obras atribuídas a italianos que trabalharam na construção da capital. Pode ser contemplado nesse espaço um grande acervo ligado a vários períodos estilístico no universo das artes plástica. Contudo seu valor ultrapassa o viés artístico, sendo o mesmo constituído de grande valor histórico.

Além de ter sido um dos marcos iniciais da nova capital, estão sepultadas ali inúmeras personalidades que tiveram grande importância para o cenário mineiro. Dentre elas: Santo Padre Eustáquio (1890-1943); Beata Irmã Benigna (1907-1981); Olegário Maciel (1855-1933) ; Raul Soares (1877-1924); Juscelino Kubitschek (1902-1976); Roberto Drummond (1933-2002); Octacílio Negrão de Lima (1897-1960), dentre outros.



FIGURA 1: Mausoléu do ex-governador de Minas Gerais, Raul Soares, erigido em 1926. Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.

Fonte: PORTAL G1, 2010.

Dotado de grande valor arquitetônico, o edifício necrotério do Cemitério do Bonfim teve seu tombamento inscrito no livro do tomo de belas artes no ano de 1977 pelo IEPHA, conforme decreto abaixo:

O tombamento estadual do edifício do Necrotério foi aprovado pelo decreto estadual n.º 18.531, de dois de junho de 1977, sendo determinada sua inscrição no Livro de Tombo n.º II — de Belas Artes —, número de inscrição XII, página 02v, sob a seguinte designação: VII – edifício do Necrotério do Cemitério do Bonfim, com partes de cantaria, cobertura metálica e decorações, inclusive quatro piras externas e passeios de pedra adjacentes. O Necrotério foi uma das primeiras edificações projetadas pela Comissão Construtora da Nova Capital, concebido para se romper com os costumes mais antigos de se velar os mortos em casa ou nas igrejas. Desenhado pelos engenheiros arquitetos Hermano Zickler, José de Magalhães e Edgar Nascentes Coelho, sua construção ficou a cargo do Conde de Santa Marinha. O projeto, de planta quadrada encimada por cúpula metálica, utiliza linguagem clássica, rico em detalhes ornamentais simbólicos executados em metal, como ampulhetas aladas, anjos, romãs, grinaldas entrelaçados, gadanhas, ouroboros e piras. Também a platibanda é construída em ferro, sendo estes elementos importados, principalmente, da Bélgica. O cemitério do Bonfim foi o único na capital até 1942 e até a década de 1950 o necrotério foi bastante utilizado como capela. (IEPHA, 2016)²³

²³ Edifício Necrotério do Cemitério do Bonfim. Disponível em: < <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/65/bens-tombados-edif% C3% ADcio-do-necrot% C3% A9rio-do-cemit% C3% A9rio-do-bonfim>>. Acesso dia 12 de julho de 2017.



FIGURA 2: Edifício Necrotério construído em 1897. Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.

Fonte: VIAGEM DIGITAL, 2017.

Diante de toda essa carga cultural capaz de propiciar a apreciação do espaço, foi firmado no ano de 2012 uma parceria entre Universidade do Estado de Minas Gerais, a Fundação de Parques Municipais e o IEPHA, sob coordenação da historiadora Marcelina Almeida, um projeto de visitas guiadas ao cemitério, com intuito de desenvolver, assim como já ocorre em outros países, um passeio no cemitério, a fim de apresentar seu grande acervo e aproximar a sociedade desse espaço tão pouco valorizando, fazendo com que a apropriação desse local desperte pertencimento para com tal bem.

3.2.2 Cemitério da Consolação

De acordo com a lista de bens tombados do Estado de São Paulo, encontram-se registrados no CONDEPHAAT²⁴, cinco cemitérios (a nível estadual): Cemitério da Colônia Japonesa, Cemitério dos Escravos; Cemitérios da Consolação; dos Protestantes e do Carmo. Dentre essa lista, vale ressaltar o imponente Cemitério da Consolação, sendo esse considerado um dos mais belos do Brasil, devido a sua exuberância artística, cujo valor histórico se apresenta de forma indiscutível.

Edificado no ano de 1858, pelo arquiteto Ramos de Azevedo (1851-1928), o primeiro cemitério da capital paulista, viu assim como ocorreu em diversos lugares no Brasil, uma grande revolta pela sua construção. Sua beleza arquitetônica nos remete a construções gregas, conforme ficha descritiva do tombamento do bem:

²⁴ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

A inspiração arquitetônica para os projetos do pórtico e do necrotério encontra-se no propileus das acrópoles gregas e nos templos de forma circular. O pórtico, grave e solene, assume a presença marcante da Rua da Consolação, com sua superfície coberta a altura generosa do pé direito. O muro faz um contraponto exato às proporções do pórtico. Os degraus conduzem ao plano superior. As colunas, dóricas de fustes firmemente assentes sobre o estilóbato (trecho coberto), são reforçadas por pilastras que, presentes nos quatro cantos da edificação, definem os seus limites. Na parte superior, um entablamento dórico arremata as ordens e um ático coroa o conjunto. A face voltada para a rua é de granito e o lado interno, de alvenaria de tijolos. O portão de ferro abre para a alameda que focaliza diretamente a capela, que por sua vez assume um modelo de templo circular com a cercadura de colunas dóricas e cella mais alta. A sua entrada (em forma de pórtico) e altar (situado no lado oposto, coroado por um frontão triangular) projetam-se do círculo, rompendo o contínuo da cercadura de colunas. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Cemitérios da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo. Disponível em: <<http://www.arquitectura.fau.usp.br/index.php/menu-identificacao-cemiterios-consolacao>> Acesso em 07 de julho de 2017.)

Seu conjunto escultórico contempla mais de 300 obras, dentre as quais algumas são de autoria do artista Victor Brecheret (1894-1955). Sua arte tumular é vasta, tendo lugar de destaque o mausoléu da tradicional família da elite paulistana, Matarazzo.



FIGURA 3: Mausoléu da família Matarazzo, considerado o maior da América do Sul com cerca de 26 mts de altura. Cemitério da Consolação, São Paulo.
Fonte: BLOG CARACUMBA MG, 2016.

Se por um lado a arte tumular é imponente, por outro as personalidades ali sepultadas tornam o espaço ainda mais emblemático, sendo ali encontrado os restos mortais de figuras que fizeram parte da história brasileira. Destacamos entre os inúmeros ali presentes: Mário de Andrade (1893-1945), Marquesa de Santos (1797-1867), Monteiro Lobato (1882-1948), Oswald Andrade (1890-1954), Tarsila do Amaral (1886-1973) e muitos outros.

Assim como no Cemitério do Bonfim, o da Consolação é considerado um atrativo turístico, sendo proposta visitas guiadas duas vezes por semana, aventando através do passado uma leitura artística e histórica da nossa sociedade.

3.2.3 Cemitério de Saramenha

Diferente dos espaços cemiteriais monumentais apresentados anteriormente, cuja arte tumular sobressai a qualquer outro fator, o Cemitério de Saramenha²⁵, localizado na cidade de Ouro Preto é um caso do qual seu tombamento se baseia principalmente pelo valor histórico para a cidade. Conforme descrito no parecer de tombamento do COMPATRI²⁶.

Devido à relevância para a história de Ouro Preto, justifica-se o tombamento municipal do cemitério de São Miguel Arcanjo, que teve suas obras iniciadas há mais de um século, em 1886, em um terreno doado pelo Barão de Saramenha. As características arquitetônicas e estilísticas e o acervo de bens móveis e integrados reforçam sua importância como um bem cultural. (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008, p. 213)

Embora a lei de 1828 já ratificava os princípios higienistas de salubridade exigindo a construção de cemitérios longe dos centros urbanos:

§ 2º Sobre o estabelecimento de cemiterios fóra do recinto dos templos, conferindo a esse fim com a principal autoridade ecclesiastica do lugar; sobre o esgotamento de pantanos, e qualquer estagnação de aguas infectas; sobre a economia e asseio dos curraes, e matadouros publicos, sobre a collocação de cortumes, sobre os depositos de immundices, e quanto possa alterar, e corromper a salubridade da atmosfera. (BRASIL, 1828).²⁷

Somente em 1886, Ouro Preto deu seu primeiro passo nesse sentido, construindo o primeiro cemitério extramuros, em uma zona periférica da cidade, denominada Saramenha.

Nesse mesmo ano (1886), é colocada a primeira pedra do novo cemitério, chamado Campo Santo, na localidade de Saramenha, periferia de Ouro Preto, em terreno doado pelo Senhor Carlos Gabriel de Andrade, o Barão de Saramenha, então eleito Presidente da Câmara, com o apoio do Governador da Província de Minas Gerais, desembargador Francisco de Faria Lemos. (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008, p.24)

²⁵ Devida a um acordo de cessão de direitos para uso do espaço, entre Prefeitura e Irmandade São Miguel Arcanjo, atualmente o cemitério é gerido pela irmandade, por isso também é conhecido como Cemitério de São Miguel Arcanjo.

²⁶ É o Conselho Municipal de Patrimônio da cidade de Ouro Preto, vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio.

²⁷ LEI de 1 de outubro de 1828. Dá nova forma ás Camaras Municipaes, marca suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de paz. Poder Imperial. Rio de Janeiro, RJ, 14 de outubro de 1928. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-1-10-1828.htm > Acesso em 12 de maio de 2017).

Seguindo os novos moldes dos cemitérios secularizados o de Saramenha foi construído afastado do Centro histórico de Ouro Preto, ficando desta forma fora do perímetro de tombamento da cidade. Com isso sua pouca visibilidade e ainda a ideia arraigada a antiga forma de sepultamento fez com que não recebesse sua devida importância. Era proposto um espaço municipal onde cada irmandade teria sua área individualizada para enterramento de seus membros, contudo essa divisão não funcionou.

Considerado de fato marco da secularização em Ouro Preto, mesmo que em Minas, principalmente em ouro Preto, esse fator tenha gerado grande resistência, o que ocorre até os dias atuais, prova disso são os enterros ainda realizados nos cemitérios erguidos pelas irmandades, ao lado de seus templos.

A sua construção representa a secularização da morte em Ouro Preto, que foi seguida por preceitos higienistas e acompanhada pelas preocupações com o hábito de enterrar os mortos no interior das igrejas ou nos adros. (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008, p. 213)

Contudo digamos que a secularização ocorria de uma forma a ser reflexo ainda de uma sociedade católica, da qual o poder das irmandades se fazia presente. Prova disso era a forma da disposição dos locais de sepultamento, da qual a hierarquia social segregatória se mantinha.

A junta de engenheiros determinada pelo Presidente da Província fez um projeto dividido em quadras para possível estratificação e manutenção de costumes e secularização conviverem. Uma área de “18.000 m²”³⁹, equivalentes às sepulturas, passagens e pontas geométricas capazes de orientar por pontos as sepulturas, que foram divididas em quadros, sendo destinadas dois para adultos e inocentes, uma para diversas ordens e irmandades religiosas, outro para os pagãos (não-católicos) e outro para indigentes. (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008, p. 24).

Com tombamento instituído pelo decreto municipal 1.389 setembro de 2008, o cemitério foi inscrito no livro do Tombo Histórico Artístico e Arquitetônico.

Fica homologado ato do Conselho Municipal de Preservação do patrimônio Cultural e Natural que aprova a inscrição do Cemitério São Miguel Arcanjo, localizado na Rua Hugo Soderi, s/n, Saramenha, em Ouro Preto MG, no livro do Tombo Histórico, Artístico e Arquitetônico, incluindo a sua capela, gradil e, acervo de bens integrados e móveis constantes no dossiê de tombamento, por seu valor histórico, artístico, arquitetônico e Cultural. (OURO PRETO, 2008).²⁸

²⁸ DECRETO Nº 1.389 DE 18 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em: < [http://www.sistemasigla.org/arquivos/sisnorm/NJ_img\(8531\).pdf](http://www.sistemasigla.org/arquivos/sisnorm/NJ_img(8531).pdf) >. Acesso em: 07 de julho de 2017.

Quanto aos bens inventariados no processo de tombamento lista-se uma grande diversidade, em sua maioria obras “tímidas” do século XIX e XX, cujas atribuições são inexistentes devido à falta de documentação. Sobre isso:

O Cemitério e a Capela de São Miguel Arcanjo de Saramenha possuem acervo pequeno e modesto de bens móveis e integrados, com peças de datação inferida dos séculos XIX e XX, a maior parte deste último. Pouco ou quase nada se sabe a respeito deste acervo, quanto a autorias, origens, procedências e dados de cunho histórico, uma vez que não se tem esses registros anotados ou relatados por pessoas que tenham maior conhecimento sobre o Cemitério e a Capela. Algumas fontes, como o livro da Irmandade de São Miguel Arcanjo, que detém a tutela deste acervo, foram perdidas, ficando assim os bens inventariados em débito com dados históricos, mas amplamente qualificados por suas características diversas, importantes para lhes atribuir interesse cultural. (DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008, p. 47)

Os bens inventariados no dossiê dividem-se em três categorias:

1. Bens imóveis: cemitério e a capela; Bens integrados: gradil e portão frontais de ferro fundido; Sino de São Miguel; Retábulo-mor; Retábulo colateral lado Evangelho; Retábulo colateral lado Epístola.
2. Bens móveis: Imagem de São Miguel Arcanjo; Imagem de São Cristóvão; Imagem do Sagrado Coração de Jesus; Pedestais; Castiçais; Crucifixo; Cálice; Patena com alça; Aspersório; Missal Romano (com fecho); Missal Romano pequeno; Missal Romano (capa preta); Sacras (conjunto completo); Sacras (incompleta e de moldura metálica); Sacras (incompleta e de moldura em madeira); Casula Romana, estola e manípulo em tecido adamascado branco (mesmo conjunto); Conjunto de paramentos litúrgicos na cor preta (tecido adamascado); Conjunto de paramentos litúrgicos na cor roxa; Conjunto de paramentos litúrgicos na cor preta; Conjunto de paramentos litúrgicos na cor vermelha; Conjunto de paramentos litúrgicos na cor verde; Conjunto de paramentos litúrgicos na cor branca; Conjunto de paramentos litúrgicos na cor dourado (tecido adamascado); Bolsa corporal e pala em damasco dourado; Bolsa corporal bordada; Pano de pálio processional na cor litúrgica branca; Armário; Armário com espelho bisoteado; Penteadeira; Cômoda.
3. Bens integrados: Gradil e portão frontais de ferro fundido; Sino de São Miguel; Retábulo-mor; Retábulo colateral lado Evangelho; Retábulo colateral lado Epístola.

De caráter simples e pouco ornamentado, o cemitério de Saramenha é um grande testemunho histórico para Ouro Preto, sendo capaz de reafirmar uma narrativa ímpar da sociedade mineira.



FIGURA 5: Projeto do portão de acesso do cemitério São Miguel Arcanjo, Ouro Preto.
Fonte: APM.



FIGURA 6: Portão de acesso Cemitério São Miguel Arcanjo, Ouro Preto.
Fonte: DOSSIÊ DE TOMBAMENTO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL ARCANJO, 2008.

4. ESPAÇOS CEMITERIAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO: TRANSFORMAÇÕES E PRESERVAÇÃO DENTRO DE UM CONTEXTO PATRIMONIALISTA.

Com a corrida do ouro em Minas Gerais, datada no final do século XVII, as bandeiras lideradas por Antônio Dias e Padre Faria, firmaram as primeiras ocupações, que formaria mais tarde o pequeno Arraial de Vila Rica. A partir desse marco inicial, Ouro Preto, que tanto inspirou poetas e pintores, carrega em si a memória viva de uma Minas colonial.

Alcunhada de “Cidade Imperial por Dom Pedro I, Ouro Preto foi capital de Minas Gerais por muitos anos:

Em 1720 foi escolhida para capital da nova capitania de Minas Gerais. Em 1823, após a Independência do Brasil, Vila Rica recebeu o título de Imperial Cidade, conferido por D. Pedro I do Brasil, tornando-se oficialmente capital da então província das Minas Gerais e passando a ser designada como Imperial Cidade de Ouro Preto. Foi a capital da província e mais tarde do estado, até 1897. (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. História. Disponível em: < <http://www.ouopreto.mg.gov.br/index.php?page=historia> >. Acesso em 02 de junho de 2017.

Em 1897 com a transferência da capital para Belo Horizonte, a cidade passou por um longo período de estagnação e abandono, foi reduzido drasticamente o número de almas da cidade. Diante disso o grande acervo manteve-se em bom estado e harmônico, carregando todos aqueles traços coloniais que lhe garantira tanto prestígio.

Sua grandiosidade arquitetônica fez com que fosse elevada a Monumento Nacional pelo Decreto N. 22928 de 12 de Julho de 1933. Em 1938, foi tombada como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Contudo seu grande reconhecimento viria no ano de 1980, quando foi decretada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

Atualmente a cidade possui um dos maiores acervos arquitetônicos, artístico e religiosos do Brasil, representado por obras monumentais que tomaram forma nas mãos de grandes mestres.

Muito dessa cidade monumento se deve a influência direta das agremiações religiosas leigas, principalmente nos séculos XVIII e XIX, tornando-se as principais responsáveis pela construção dos grandes templos e obras, das quais o grande legado pode ser apreciado.

Além do exuberante conjunto artístico e arquitetônico, encontramos um rico acervo cemiterial, quer pelos atributos construtivos e artísticos, ou pela memória que tais podem nos imergir:

O cemitério é um lugar privilegiado para se entender uma cultura. Através da arquitetura, escultura e artes decorativas cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos. (ALMEIDA, 2015, p.2)

Encontramos nesses locais a tradução de uma sociedade que se organizava e estruturava hierarquicamente através da religião, sendo de certa forma garantidora de um bom posicionamento social. Nesse contexto o culto a morte recebe grande destaque.

Se antes o sepultamento dentro das igrejas era a certeza da ligação eterna entre o indivíduo e a religião, a partir de meados do século XIX, devido a proibição do enterro nos templos, nota-se um movimento por partes das agremiações em construir cemitérios anexados as suas igrejas, para continuidade desse elo. Dessa forma, a “cidade dos mortos” continuava a fluir junto com a dos vivos, isso fazia com que no entendimento cristão da época, a proximidade do morto próximo a sua igreja de devoção, era algo necessário para a salvação da alma.

Muito embora estejam na ZPE²⁹ no perímetro de tombamento da cidade e ainda tenham essa força ampliada no tombamento individual das igrejas, a qual estão vinculados, nota-se por parte de muitos dos responsáveis um desmazelo na salvaguarda desses bens.

No centro histórico de Ouro Preto encontramos como parte integrante da paisagem nove espaços tumulares, anexados as suas respectivas igrejas: Bom Jesus do Matosinhos; Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia(Mercês de Cima); Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo); São José; São Francisco de Paula; São Francisco de Assis; Nossa Senhora do Carmo; Santa Efigênia; Nossa Senhora das Dores , sendo esses de grande interesse para o patrimônio cultural, indissociáveis do conjunto ao qual pertencem.

²⁹Zona de Proteção Especial, compreendido entre o bairro cabeças até o Padre Farias.

A partir de agora trataremos especificamente dos bens citados, abordando a importância, as particularidades, as características e o estado de preservação que se encontram, sempre sobre um viés patrimonial.

É importante ressaltar que não será feito um amplo levantamento histórico e sim uma contextualização geral, visto que tal procedimento demandaria uma pesquisa mais complexa, sendo necessário debruçar nos arquivos das irmandades e ordens em busca de documentos que proporcionasse a compilação dos dados.

4.1 Cemitério da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia

De acordo com o Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural, o cemitério das Mercês de Cima foi edificado pela irmandade de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, no ano de 1828, sendo esse o ano da proibição³⁰ dos enterros no solo sagrado dos templos.



FIGURA 7: Vista aérea do cemitério de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima), Ouro Preto.
Fonte: ERA VIRTUAL, 2017.

Localizado ao lado esquerdo do prédio, o cemitério amplia-se para os fundos da edificação. Até o ano de 2001 o acesso principal se dava ao lado da fachada frontal do templo, contudo,

³⁰ Embora em 1801 já havia uma recomendação para a construção de cemitérios extramuros, somente em 1828 veio de fato uma lei proibindo o sepultamento no interior dos templos.

Devido a um crime³¹ ocorrido nesse mesmo ano, uma alteração significativa ocorreu: seu belo portão ladeado por um gradil foi alterado³² por um muro de vedação, o que causou uma descaracterização, conforme pode ser verificado abaixo.



FIGURA 10: Igreja Nossa Senhoras das Mercês e Misericórdia, Ouro Preto, 1945. Destaque para o antigo acesso ao cemitério.
Fonte: IFAC-ACERVO LUIZ FONTANA.



FIGURA 9: Vista frontal da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia, Ouro Preto. Destaque para a antiga entrada de acesso do cemitério após a retirada dos gradis.
Fonte: SARAH DE PAULA, 2016.



FIGURA 8: Atual portão de acesso que se dá na lateral direita aos fundos da Igreja. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Considerando tal como um patrimônio cultural de tamanho significado histórico, torna-se totalmente questionável a medida que foi tomado, visto que alterou significativamente o bem.

De arquitetura simples, resultado bem provável dos poucos recursos da irmandade, o cemitério compõe harmonicamente o conjunto do qual pertence.

³¹ No ano de 2001, durante uma festa tradicional realizada em Ouro Preto, a festa do doze, o cemitério das Mercês de Cima foi palco de um crime. A jovem Aline Silveira foi descoberta morta sobre um túmulo no com 17 facadas. Esse assassinato foi responsável pelo fechamento frontal do cemitério.

³² A alteração ocorrida foi aprovada pelo IPHAN de Ouro Preto.



FIGURA 11: Visão geral do Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Assim como aconteceu em todos os cemitérios pertencentes a agremiações religiosas, a capela mortuária, local destinado ao velório, perdeu ao longo do tempo sua função³³, com isso, verifica-se um abandono das agremiações leigas. Prova disso é o estado lastimável em que se encontra a do bem em questão, restando atualmente apenas resquícios em ruínas, e seu uso se resumindo apenas a guardar entulhos. Vale ressaltar que todo o gradil original retirado do antigo acesso principal, encontra-se depositado dentro dessa ruína.



FIGURA 12: Capela Mortuária em estado de ruína. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

³³ Isso ocorreu devido a construção das capelas velório municipais que passaram a ser usadas para realização de todos velórios da cidade.

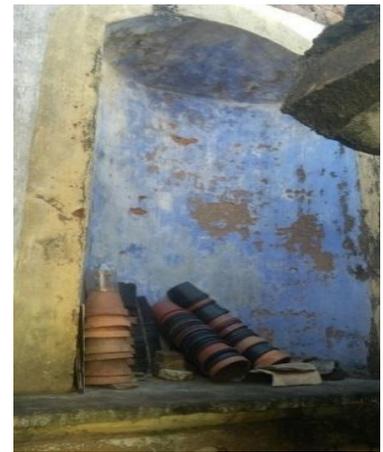


FIGURA 13: Interior da Capela Mortuária em estado precário de preservação. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Embora sua arte tumular seja simples, algumas sepulturas se destacam dentre os demais pelos materiais utilizados e por uma ornamentação mais elaborada. Contudo em sua maioria são carneiros rasos simples, de alvenaria argamassada e cal.



FIGURA 16: Túmulo em granito. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 14: Túmulo em granito. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 15: Túmulo vertical ornamentado em pedra de 1907. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Ao lado direito da capela mortuária, encontramos além das gavetas ossuárias uma sequência de jazigos que se distinguem pelo seu volume, o que nos leva a inferir que seria uma área onde se enterrava as famílias mais abastadas da irmandade.



FIGURA 17: jazigos Perpétuos. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 18: Gaveta ossuária vertical. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 19: Jazigo da Família Lobo Leite. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

Construído em um terreno totalmente acidentado, que apresenta graves problemas de estabilidade, diversos deslizamentos ocorreram na área, o que ocasionou a destruição de vários túmulos. Em 1970 de acordo com o inventário da igreja, para evitar maiores problemas foi construído um grande muro de contenção, além disso, reparos no cemitério foram realizados.

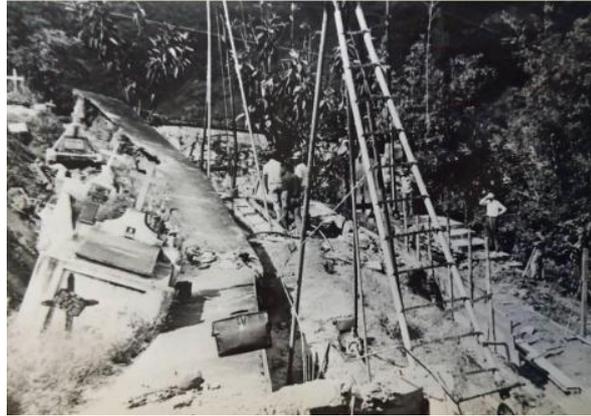


FIGURA 20: Reparo no cemitério, devido ao deslizamento de 1970. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: Arquivo Permanente da superintendência do IPHAN/mg, pasta 709.

Assim como apontou o inventário, o estado de conservação do cemitério é precário, necessitando de urgentes medidas que o salvaguarde:

Correspondente ao cemitério apresenta problemas graves de estabilidade, com rachaduras no piso e nos muros devido ao deslizamento da encosta. Além do anexo do cemitério, que está em estado de ruína. (INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL: IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E MISERICORDIA, 2012, p.17)

Muitas das sepulturas estão comprometidas, conforme pode-se observar nas figuras abaixo:



FIGURA 21: Sequência de túmulos em estado de deterioração avançada. Cemitério Mercês de Cima, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

Embora possua importante valor para a cultura, o bem encontra-se dessa forma: sendo destruído aos poucos, perdendo suas características e tornando-se apenas mais um espaço onde se enterra o passado.

4.2 Cemitério do Carmo

Em contraponto ao cemitério visto anteriormente, o da Ordem Carmelita, se apresenta de forma bem conservada, isso sem dúvida é reflexo direto do poder que sempre exerceu, dispondo inclusive de recursos financeiros.



FIGURA 22: Vista aérea da Igreja do Carmo, Ouro Preto. Na lateral direita a terceira edificação vem a ser o cemitério fechado por muros (indicado pela seta).

Fonte: ERA VIRTUAL, 2017.

Pertencente a uma das associações leigas mais poderosas de Ouro Preto, o cemitério da Ordem Terceira do Carmo possui um dos mais belos exemplares da arte tumular mineira. Suas características arquitetônicas e artísticas refletem o poder de seus integrantes, uma elite branca cuja maioria era grandes comerciantes, militares e políticos.

Conforme o inventário da igreja, tudo indica que a ordem do Carmo foi a primeira (do centro histórico) a edificar seu espaço de sepultamento fora dos templos religiosos, sendo todos os demais datados a partir do final da primeira metade do século XIX.

Diferentemente das demais agremiações, os Carmelitas construíram “dois” espaços cemiteriais: um ladeado por gradis³⁴ e o outro fechado por grandes muros de alvenaria.



FIGURA 23: Vista panorâmica, na lateral esquerda a Igreja do Carmo, Ouro Preto. Na direita o cemitério de construção iniciada em 1829 e no centro o de gradil com início da edificação em 1801.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Nesse espaço, cuja datação de sua construção não foi possível encontrar, ficam localizados os jazigos ossário das famílias membros³⁵ da Ordem. O espaço se mistura ao cenário tornando-se parte única do conjunto. Pode ser apreciado um acervo artístico com símbolos mortuários, do qual se destaca principal o jazigo da tradicional família ouro-pretana, Vitorino Dias, donos da antiga fábrica de tecelagem de Ouro Preto.

³⁴ No inventário de 2012 do Carmo, entre 1963-1965, algumas reformas foram realizadas na Igreja do Carmo, dentre elas a substituição do muro de alvenaria do Cemitério pelo de grades de ferro, ou seja, até o ano de 1963 o local que hoje é aldeado por gradis era vedado por muros.

³⁵ Em alguns casos eram sepultadas pessoas não associadas a Ordem, isso ocorria devido ao prestígio social de estar enterrado no cemitério de uma Ordem Terceira. Nesses casos era e ainda é pago uma alta quantia em dinheiro.



FIGURA 24: Jazigo ossário da família Vitorino Dias. Escultura em mármore com símbolos recorrentes na arte tumular: Pietá simbolizando o sofrimento, mas ao mesmo tempo o desejo em que a alma seja bem recebida. Atrás a representação de uma figura feminina, de olhar voltado para os céus com flores nas mãos, simbolizando a vitória da alma. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 25: Sequência de jazigos esculpidos em pedra, mármore e granito com detalhes ornamentais mortuários. Patologias devido as intempéries a que estão expostos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

Em 1829 foi iniciada a construção do cemitério fechado do Carmo. De arquitetura imponente e ornatos bem elaborados em cantaria, a beleza desse espaço já se apresenta antes mesmo de adentrar ao ambiente, sendo possível apreciar uma verdadeira obra de arte.

Sua construção foi iniciada em 1829, sob a direção do arquiteto Manuel Fernandes da Costa, substituído posteriormente por João Miguel Ferreira. Em 1861, foi adotado novo projeto de autoria do engenheiro Henrique Gerber, tendo sido concluído em 1868. O contrato para a construção das paredes exteriores e capela semicircular das catacumbas foi feito em 17 de setembro de 1865, com Francisco de Paula machado; dois anos depois o mesmo arrematou a construção das 30 últimas catacumbas. Somente em 1897 seria concluída toda a obra do cemitério, quando completou-se a construção das catacumbas para menores e dos jazigos. (INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL: IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, 2012, p.21)



FIGURA 26: Vista frontal do cemitério fechado. Portão de ferro emoldurado por cantaria, encimado pela emblemática da Ordem. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 27: Vista posterior do cemitério fechado. A parte curva sinuosa para fora refere-se a capela mortuária. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Jesus (2009) faz a seguinte descrição do cemitério:

De construção quadrangular, entrada monumental encimada por arco regular sobre retineidade dominante. A cornija, os alizares e imitação de arquitraves são em material de pedra encontrada na região. O beiral e a coberta dão de telha canal. Sobre o arco de cruz está o coruchéu de ferro com pontas trilobadas e resplendor. A portada é em cantaria, de imponente singeleza, com gradil de serralharia retilínea de quatro barras e ornatos chumbados. (JESUS, 2009, p.17)

Na parte interior existem diversos túmulos centenários ricos em ornamentos. Todas as sepulturas possuem inscrições, o que nos possibilita ver os notórios ali sepultados. Além do jazigo perpétuo dos Irmão Carmelitas, o espaço é contemplado por gavetas verticais, túmulos

horizontais internos, horizontais externos, e túmulos verticais. Abaixo alguns que merecem destaque:



FIGURA 28: Jazigo perpétuo dos Carmelitas, com entronização da imagem esculpida de Nossa Senhora do Carmo. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 29: Gaveta vertical de 1902. Irmã ouro-pretana da Ordem Terceira do Carmo, falecida em Paris. Epitáfio da lápide: “A bondade e formosura do coração”. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 30: Túmulo horizontal interno de 1903. Epitáfio: “ Mater pauperum fac faciamus quod fecisti beneficiendo”, Tradução: “ Mãe doa pobres, façamos como você fizestes o bem”. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 32: Túmulo vertical, Jazigo perpétuo da família do Senador do Império, Barão de Camargos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 31: Manoel Teixeira de Souza, Barão de Camargos, Senador do Império entre 1860 e 1878. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: APM.



FIGURA 33: Túmulo vertical do final do século XIX. Além dos diversos atributos mortuários presentes cabe destaque o detalhe das tochas invertidas, símbolo recorrente na arte tumular, simbolizando que mesmo após a morte o fogo da alma ainda permanece. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

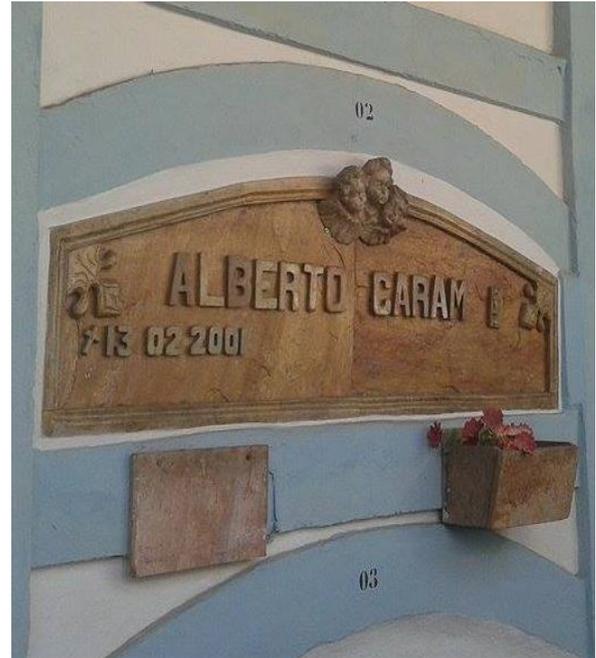


FIGURA 34: Gaveta vertical onde encontra-se enterrado o ex-prefeito de Ouro Preto, Alberto Caram. Destaque para os três anjos esculpidos, motivo recorrente na arte barroca. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

A antiga capela velório de planta semicircular, erigida em 1865, possui um belo retábulo em madeira cujas policromia compõe harmonicamente com o forro que apresenta uma pintura de interesse estético. No espaço central da capela fica exposta uma antiga eça³⁶ de madeira. Em desuso, a pequena capela necessita de reparos pontuais, dessa forma sua integridade estará preservada.

³⁶ Mesa suporte para sobreposição do caixão para o rito do velório.



FIGURA 36: Capela Mortuária. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 35: Vista posterior do cemitério. Destaque para o formato curvo dos fundos da capela mortuária. Cemitério do Carmo.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 37: Interior da Capela Mortuária. Destaque para a o Retábulo de carapina e a Eça em madeira. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017



FIGURA 38: Pintura do forro da Capela Mortuária. Com aparentes patologias causadas por xilófagos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 39: Retábulo degradado por xilófagos. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

O espaço fúnebre sempre foi uma grande preocupação da ordem Carmelita, várias vezes o cemitério passou por obras de restauro e reparos pontuais, esse fator sem dúvida foi o que o manteve tão preservado em sua totalidade.

Embora contenha um valoroso acervo, o cemitério não possui nenhuma medida protetiva direta capaz de garantir sua salvaguarda. O local fica aberto para visitação todos os sábados e domingos, contudo não é sinalizado essa possibilidade.

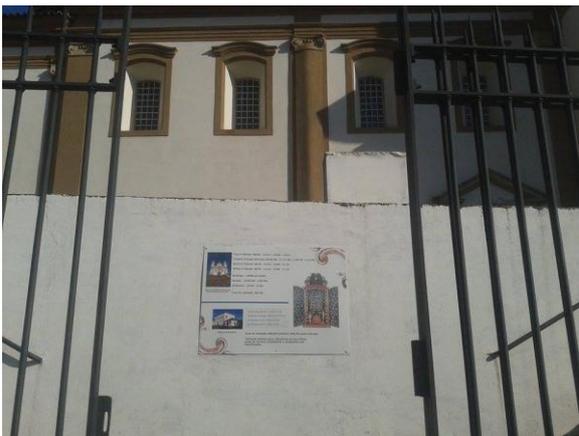


FIGURA 41: Entrada pela escadaria lateral que dá acesso ao adro da igreja. Destaque para a placa informativa. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 40: Placa informativa sobre as visitas ao museu e a Igreja, não há é mencionado o cemitério. Cemitério do Carmo, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

4.3 Cemitério de São Francisco de Assis

Assim como a poderosa Ordem do Carmo, a de São Francisco de Assis teve grande influência no território das Gerais, sua riqueza pode ser vista pela imponência das suas obras.



FIGURA 42: Vista aérea da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto e seu cemitério em anexo (sinalizado pela seta).
Fonte: ERA VIRTUAL, 2017

Na lateral direita da Igreja pode ser contemplado o cemitério da ordem Franciscana, edificado entre 1831 e 1838, por Manuel Fernandes da Costa e José Ribeiro de Carvalhais. Sobre a construção, Alves (2016) completa:

Em janeiro de 1841, decidiu-se rebocar e cair as catacumbas, em dezembro deste mesmo ano o mestre pedreiro Manuel Antônio Viana pedia uma comissão para examinar o cemitério, entregando assim em março de 1842, com apenas 18 catacumbas. Em 11 de maio de 1866 como havia somente 18 catacumbas, “era preciso fazer outras”. (ALVES, 2016, p.7)

Algumas características³⁷ são bastantes comuns nos cemitérios da ordem do Carmo de São Francisco e da irmandade de Mercês e Perdões, contudo cada um apresenta elementos emblemáticos que os definem.

De planta quadrangular contornada por carneiros longitudinais, alisares e contorno em toda linha da cornija, interrompida ao nível do portão formando um arco regular que emoldura a emblemática da ordem 3ª de São Francisco de Assis, esculpida em pedra. ele apresenta um portão de ferro simples, de barras retilíneas e cruzadas na base, com alegoria de funerária na face de cada bandeira. (ALVES, 2016, p.19)

³⁷ Planta quadrangular, alpendrado voltado para dentro do ambiente, gavetas verticais ladeando todo interior são partido muito comum observado na ordem do Carmo e São Francisco de Ouro Preto, se repetindo no cemitério da Irmandade de Mercês e Perdões.



FIGURA 43: Vista da frente e lateral direita do cemitério. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.



FIGURA 44: Vista do cemitério desde a torre epistola. Destaque para o formato quadrangular da planta. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: INVENTARIO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 2012.

O portão de ferro é de ornamentação simples emoldurado por cantaria, contudo a presença do ornato em caveira o torna emblemático, símbolo esse que sinaliza para a finitude da vida e o fim comum a todos nós.



FIGURA 45: portão do cemitério emoldurado por cantaria e encimado pela emblemática da ordem. As três caveiras de ferro no portão são atributos da ordem Franciscana, expressa no “vanitas vanitatum mementum mori”. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO AUTOR, 2017.

No interior do cemitério a composição se faz da seguinte forma: dentro das galerias cobertas são dispostas as urnas ossuárias e túmulos verticais (na sua maioria), com ornatos discretos. No centro descampado não existem túmulos. A arte tumular desse local possui poucos ornatos e os túmulos são de volumetria similares encimados por uma cruz.

A capela mortuária construída em 1876, possui um partido interessante a ser observado, o formato semicircular da planta se assemelha com o da ordem terceira do Carmo. Em escala reduzida o frontispício segue atributos do padrão estilístico da fachada do templo principal, em especial as características do frontão interrompido. Atualmente a capela encontra-se vazia e sem nenhuma funcionalidade. Nota-se que o estilo das capelinhas de cada cemitério, juntamente com seu acervo tumular expressam de fato o poder de cada agremiação.



FIGURA 46: Interior do cemitério. Em toda a extensão (nas paredes) verticalmente ficam enfileiradas as gavetas. Abaixo do alpendrado os túmulos verticais e centralizado ao fundo a Capela Mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 47: Vista frontal da Capela Mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 48: Vista posterior do cemitério. Destaque para a planta semicircular da capela mortuária. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Nesse cemitério pode ser visitada a sepultura do pintor Guignard³⁸ que dedicou muito da sua arte a Ouro Preto. Na entrada encontramos uma placa informativa referindo-se ao momento em que se foi feita a proibição dos enterros nos templos, além disso é mencionado a presença do túmulo do artista mencionado acima.



FIGURA 49: Placa informativa na localizada na entrada do cemitério, sinalizando que ali está o túmulo do pintor Guignard. Cemitério de São Francisco de Assis, Ouro Preto. Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

O cemitério está em um razoável estado de preservação, necessitando apenas de reparos e ações de conservação. Sua aparência transmite a ideia de um lugar abandonado, assim como o legado que nele vive. Atrás dos portões trancados a “sete chaves” reside “escondida” parte da nossa história.

4.4 Cemitério de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo)

Seguindo o padrão arquitetônico dos cemitérios de São Francisco de Assis e do Carmo, o das Mercês de Baixo é o único de uma irmandade que seguiu a tipologia adota por essas Ordens.

Visto pelos fundos da Igreja, nota-se que o cemitério diferente dos demais se conforma como parte integrante do templo, parecendo ser apenas um bem.

³⁸ Alberto da Veiga Guignard (1896-1962) foi um dos maiores pintores e desenhistas brasileiros do séc. XX. Grande parte de sua obra foi dedica a cidade de Ouro Preto.



FIGURA 50: Vista aérea do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto, anexado aos fundos da Igreja, conforme sinaliza a seta.

Fonte: ERA VIRTUAL, 2017.

Embora não conste no inventário da prefeitura a datação da construção, no portão de acesso está inscrito 1872, provavelmente de finalização da obra.



FIGURA 51: Portão emoldurado por cantaria de verga curvada. Destaque para a bandeira com a data 1872 e os símbolos mortuários. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

A entrada do cemitério é contemplada por um portão de ferro fundido e emoldurado por cantaria. Na bandeira superior do portão destacam-se os símbolos mortuários expresso pela caveira e a cruz e a data citada acima. O frontão que apresenta o emblema da agremiação é encimado por uma cruz.



FIGURA 52: Entrada do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.

Fonte: JULIANA VIEIRA, 2016.

Lopes (2010) faz a seguinte descrição do bem:

Caracterizado por uma arquitetura oitocentista, com planta quadrangular, possui beirais alongados para o centro. O piso é reservado as campas, e, nos telheiros enfileiram-se urnas ossarias com uma única portada em cantaria e portão de ferro fundido, datado em 1872. Na parte superior do portão e junto ao telhado, observam-se ornatos em argamassa, com significativa saliência, como volutas, cimalkas e cordão, além de cruz em metal e brasão mercedário em cantaria. (LOPES, 2010, p.23)



FIGURA 53: Frente do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Quanto as características construtivas similares as utilizadas pelas ordens citadas, Lopes (2010) relata:

O sistema construtivo original utilizado no cemitério possui suas paredes estruturais em pedra, revestida com argamassa de cal e areia. Junto a estas alvenarias se encontra o alpendre que apresenta pilastras com base em pedra revestida, coluna central em madeira maciça e forro de esteira em treliça caiada. (LOPES, 2010, p.23)

Na parte interna, nas galerias cobertas estão dispostas as gavetas verticais, sem ornatos que mereçam destaque. Ao centro do cemitério ficam os túmulos horizontais internos simples, com tampas lisas de granito e apenas uma cruz com os dados do falecido. Além dessas, abaixo do telhado encontram-se os túmulos de maior volumetria, geralmente verticais ou horizontais externos. Ao lado de fora existe um pequeno anexo onde é abrigado gavetas ossárias.



FIGURA 54: Túmulos e jazigos do Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: JULIANA VIEIRA, 2016.



FIGURA 55: Anexo do cemitério onde fica as gavetas ossárias. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 56: Gavetas ossárias. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

No que se refere a capela mortuária, localizada no interior do bem, Lopes (2010) ressalta:

A capela mortuária apresenta fachada frontal, direcionada para a área aberta em estilo colonial, com cimalha e dois elementos ornamentais em argamassa. Estes dois ornatos apresentados motivos fitomórficos na parte superior. Possui ainda pequeno óculo central e vazado contribuindo para a ventilação e iluminação interna da capela. A moldura do vão da entrada da porta principal é um arco meia canga em cantaria. A porta é composta de duas folhas de madeira maciça e almofadada. Internamente observa-se ao centro, a mesa mortuária em pedra revestida com argamassa, e altar com mesa técnica construtiva. As fachadas laterais possuem aberturas verticais estreitas- estilo seteiro-, e a fachada posterior é cega, não possuindo, portanto nenhuma abertura. (Lopes, 2010, p.24)



FIGURA 57: Capela Mortuária da Igreja Nossa Senhora das Mercês de Baixo.
Fonte: JULIANA VIEIRA, 2016.



FIGURA 58: Altar de pedra argamassada. Cemitério das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: NATÁLIA MORITA, 2016.

No adro da igreja, em frente a porta existe um conjunto de campas, ainda conservadas.



FIGURA 59: Conjunto de campas na entrada da Igreja das Mercês e Perdões, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

O cemitério das Mercês e Perdões em sua totalidade está em bom estado de preservação, algumas sepulturas estão danificadas e ações pontuais são necessárias para o espaço. Assim como a Igreja, que há anos fica fechada para missas e visitas, o cemitério mantém-se de portões fechados, sendo impossível a visita e até mesmo o culto dos familiares aos seus.

4.5 Cemitério Bom Jesus de Matozinhos

No bairro Cabeças, está implantada a Igreja do Bom Jesus do Matozinhos e São Miguel e Almas. O templo de partido arquitetônico típico da primeira metade do século XVIII nos apresenta com uma das mais excepcionais obras de Aleijadinho: a imagem de São Miguel, abrigada no nicho que encima a portada.



FIGURA 60: Vista aérea da Igreja Bom Jesus de Matozinhos e São Miguel e Almas, Ouro Preto. Na lateral esquerda aos fundos a entrada do cemitério da irmandade (sinalizado pela seta).

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Poucas são as informações referentes ao cemitério, o inventário da igreja não apresenta subsídios capazes de nos auxiliar, dessa forma serão apontados apenas algumas características percebidas em loco. É provável que esse espaço tenha sido construído partir da segunda metade do século XIX, assim com os demais analisados nessa pesquisa.



FIGURA 61: Entrada do cemitério de São Miguel e Almas. Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 62: Primeiro patamar do cemitério aos fundos da igreja. Cemitério São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Aos fundos da edificação situa-se o simples cemitério da irmandade responsável pela igreja. De arte tumular bem modesta, o local possui vários níveis diferentes, onde se distribuem os carneiros, gavetas tumulares e gavetas ossarias (ambas verticais). Existe um espaço separado para se enterrar os padres e crianças, porém os túmulos seguem o mesmo padrão estético dos demais.



FIGURA 63: no chão os túmulos horizontais internos, ao fundo as gavetas verticais ossaria e ao centro a capela mortuária. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 64: vista do último patamar do cemitério para o primeiro, que encontra-se no nível da igreja. No chão ficam os carneiros. Nos paredões a frente (em níveis diferentes) as gavetas tumulares. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: SARAH DE PAULA, 2017.



FIGURA 65: Gavetas tumulares verticais. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: SARAH DE PAULA, 2017.



FIGURA 66: Gavetas verticais ossarias. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 67: paredão de gavetas ossárias, a frente os carneiros de chão e ao fundo a integração entre o bem e o conjunto paisagístico. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

A capela mortuária, construída em tijolo maciço, possui, assim como a igreja, frontão triangular ladeado por pináculos. A porta é simples e de madeira, sem nenhum tipo de atributo ornamental. O bem atualmente é usado como depósito, porém devido aos cuidados dado, apresenta bom estado de conservação. A manutenção do local é feita com muito esmero, o que mostra a importância atribuída ao bem pelos seus detentores.



FIGURA 68: Capela mortuária em 2015. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2015.



FIGURA 69: capela mortuária em 2017. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 70: Em culto aos seus os túmulos são enfeitados com flores, vasos, velas e outros objetos. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.

Fonte: SARAH DE PAULA, 2017.

A falta de ornamentação artística não diminui o cemitério em relação aos demais. O pertencimento dos detentores (incluem-se aqui os filiados a irmandade), revela de fato o que vem a ser patrimônio cultural. Essa imaterialidade, representada através da ritualística³⁹ aos antepassados, talvez seja o que de mais belo habita esses espaços. Um cenário incrível onde a finitude da vida transpassa o espaço para além do horizonte.



FIGURA 71: Cemitério enquanto parte integrante da paisagem. Cemitério de São Miguel e Almas, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

³⁹ Percebe-se um grande cuidado por parte dos irmãos com o cemitério, os túmulos são todos enfeitados com flores, vasos, imagens de santos e outros ornamentos levado pelos familiares em culto aos seus.

4.6 Cemitério de Nossa Senhora das Dores

Erguido pela Irmandade de Nossa Senhora das Dores do Monte Calvário, o cemitério possui datação provável no primeiro quartel do século XX. Cercada por muros baixos de pedra, encontra-se implantado ao lado da Capela, a pequeno espaço cemiterial.



FIGURA 72: Vista aérea do Cemitério das Dores, Ouro Preto, ao lado da Capela.
Fonte: ERA VIRTUAL, 2017.

Devido a proporção do espaço, nota-se que a irmandade em questão possuía poucos irmãos e isso, provavelmente, levou a escassez de recursos foi o que o dotou de tamanho despojamento ornamental e arquitetônico. Seus túmulos são na maioria carneiros de chão simples, quando muito encontramos algumas sepulturas horizontais externas, com materiais comuns, a exemplo a pedra ardósia e em raros casos com tampa de granito.

Ao fundo na lateral esquerda fica em sentido vertical as gavetas ossarias, bem restrita em quantidade. O portão de ferro é encimado por uma cruz vazada do mesmo material.



FIGURA 74: Portão de acesso ao cemitério. Cemitério das Dores, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 73: Cemitério de Nossa Senhora das Dores, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Embora não possua fatores de destaque, esse pequeno território pode nos servir de uma fonte infindável de pesquisa, visto que muito nos tem a dizer sobre como o fator econômico das irmandades influenciaram diretamente na nossa arquitetura e arte em geral.

4.7 Cemitério de Santa Efigênia



FIGURA 75: Vista aérea da igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto, e seu cemitério aos fundos.

Fonte: ERA VIRTUAL, 2017

Aos fundos da Igreja de Santa Efigênia se estendo para suas laterais, encontra-se o cemitério da Irmandade, que até os dias atuais mantém grande número de irmãos. Ao entrar pelo portão de bela ornamentação, nos defrontamos com um cenário repleto de cores, onde a morte toma novo significado diante de tantas flores que ali dão vida.



FIGURA 76: Vista do cemitério para os fundos do templo. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

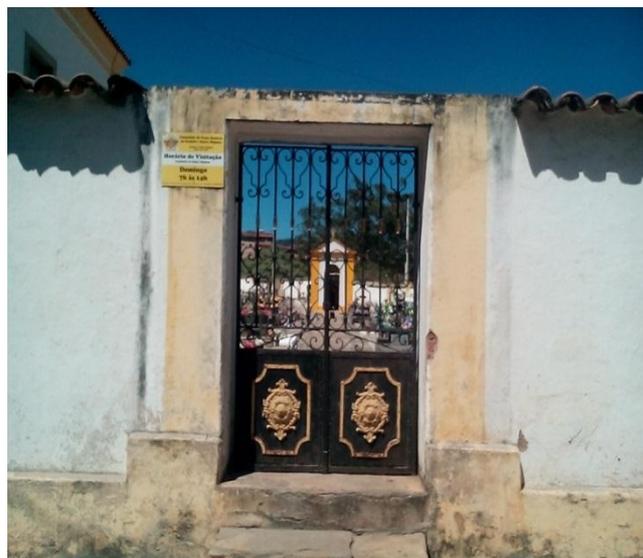


FIGURA 77: Portão de acesso ao Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

De grandes proporções o espaço conta com gavetas de sepultamento vertical, gavetas ossarias, e, é claro, os túmulos convencionais localizados por todo o cemitério. Atualmente vem sendo construído um grande compartimento, que servirá como uma espécie de ossário comunitário, para as pessoas que não adquirem gavetas individualizadas, desta forma viabilizará mais espaço para os novos sepultamentos.



FIGURA 78: Gavetas ossarias do Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 79: Gavetas de sepultamento. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 80: Ossário comunitário em fase de termino. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Os primeiros jazigos perpétuos que se tem notícia são os que se localizam próximo à entrada da lateral direita da igreja, sendo esses dos padres que tiveram ligação com a irmandade. Interessante que esses túmulos possuam largura consideravelmente maiores que os demais.



FIGURA 81: Primeiros jazigos perpétuos do cemitério, onde eram enterrados os padres. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Um túmulo muito interessante a se verificar é o do Senhor Juvencio Pinto, que ocupou cargo administrativo na irmandade no ano de 1907. Seu jazigo está em lugar pouco convencional, instalado em meio a uma grande pedra, isso ocorreu devido a uma vontade do próprio em ser sepultado ali.



FIGURA 82: Túmulo Sr Juvencio Pinto. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 83: Túmulo Sr. Juvencio Pinto. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Outras sepulturas merecem destaque, seja pelos materiais empregados ou pela ornamentação.

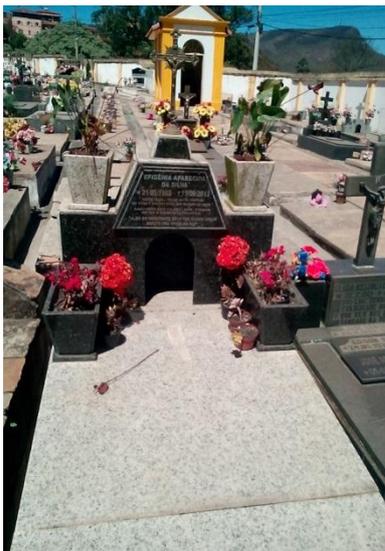


FIGURA 84: Sequência dos túmulos de maior interesse estético. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

A capela mortuária de frontão triangular se destaca pela bela cruz de pedra centralizada em seu topo. Embora seja bem simples a mesma destaca-se no ambiente devido a sua cor vibrante. Percebe-se nesse caso como a irmandade trata com apreço, visto o estado impecável de preservação em que ela se encontra.



FIGURA 85: Capela Mortuária Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Assim como o cemitério de São Miguel e Almas, o de Santa Efigênia possui uma gestão formidável, isso ocorre principalmente devido ao grande número de filiados que essa irmandade possui, chegando a totalizar cerca de seis mil almas. Diante dessa expressiva quantidade, cuja demanda por enterramento é permanente, esse cemitério vem a ser o mais utilizado dentre os estudados. Existe por meio da irmandade uma pretensão em ampliar o cemitério para atender a demanda, para isso será utilizado o terreno ao lado.



FIGURA 86: Terreno da irmandade no qual se planeja ampliar o cemitério.
Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Atualmente fica aberto à visitação somente aos domingos, contudo segundo o zelador não acontece um número relevante de visitas, a não ser dos familiares que possuem entes enterrados.



FIGURA 87: Placa informativa sobre o dia de visita o. Cemitério de Santa Efigênia, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Embora bem modesto no que se refere a arte tumular, encontra-se aqui um belo exemplo onde um território simples, porém preservado, pode nos inferir muito sobre nosso passado.

4.8 Cemitério de São José:



FIGURA 88: Vista aérea do cemitério da irmandade de São José, Ouro Preto, ao lado da igreja.

Fonte: ERA VIRTUAL, 2017.

Alcunhada por Dom Pedro II (1825-1891) de Capela Imperial, a singela edificação, pertencente a Irmandade de São José, ergueu ao lado esquerdo da igreja o seu cemitério.

O muro frontal de pedra argamassada e cal, bastante deteriorado pela ação do tempo possui em toda sua extensão um encimado em gradil. O portão é fixado entre duas colunas finalizadas por pináculos. Seu frontão possui formato ornamental de duas volutas, com arremate central de uma cruz em pedra.



FIGURA 89: Frente do Cemitério de São José, Ouro Preto.
Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Em meio a carneiros despojados com alinhamento próximos ao chão, destaca-se o jazido de um dos maiores romancistas, o autor Bernardo Guimarães⁴⁰, construído no ano de 1930. Além dessa personalidade histórica brasileira, encontra-se sepultado uma figura emblemática no cenário ouro-pretano, o Padre Simões⁴¹. Na entrada da igreja existe uma placa informativa, na qual é citado o cemitério aos fundos e a presença do túmulo do ilustre romancista falado anteriormente.

⁴⁰ Bernardo Guimarães (1825-1884), autor de um dos romances brasileiros mais importantes, *A escrava Isaura*, escrito em 1875.

⁴¹ Padre Simões (1931-2009) foi uma figura importante no cenário ouro-pretano, atuando em defesa do patrimônio cultural. Tãmanha era sua importância que no ano de 1988 recebeu das mãos de João Paulo II a Cruz Pontífica de Prata, atribuída a sua atuação em defesa da Arte Sacra.



FIGURA 90: Em meio aos carneiros simples de chão destaca-se o túmulo de Bernardo Guimarães. Cemitério de São José, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.



FIGURA 91: Inauguração do Mausoléu de Bernardo Guimarães, 1930. Cemitério de São José, Ouro Preto.

Fonte: IFAC - ACERVO LUIZ FONTANA.

A capela mortuária de planta quadrangular reduzida é bem simplória, seguindo os padrões arquitetônicos das primeiras construções religiosas mineiras. Sem ornamentação e nenhum atributo de destaque, atualmente serve como depósito. Na ausência de túmulos volumosos o belo cruzeiro, em cantaria, destaca-se visualmente no cemitério.



FIGURA 92: Capela mortuária ao fundo e centralizado o cruzeiro em pedra. Cemitério de São José, Ouro Preto.

Fonte: ACERVO DO AUTOR, 2017.

Assim como diversos espaços cemiteriais, aqui citados, o de São José também passou por alguns deslizamentos, ocasionando inclusive o desabamento de seu muro de contenção que sustentava certa parte do espaço. Devido a isso, nos primeiros anos do século XX o cemitério foi ampliado para os fundos da igreja.

Nota-se visivelmente o estado de abandono em que o bem encontra-se. Seu estado de preservação é péssimo, levando inclusive seus túmulos a degradação. Aos poucos vai se perdendo grande parte do seu legado, inclusive o mausoléu destacado anteriormente, atribuído de grande relevância histórica.

4.9 Cemitério São Francisco de Paula

Longe do emaranhado do casario colonial, em meio a uma exuberante paisagem, está implantada a Igreja de São Francisco de Paula, uma das últimas construções religiosas a ser edificada no centro histórico de Ouro Preto.



FIGURA 93: Igreja de São Francisco de Paula e o cemitério da Ordem (sinalizado pela seta). Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.
Fonte: ERA VISTUAL, 2017.



FIGURA 94: Foto interna do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto, com visada para a Igreja.
Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

De acordo com a documentação da Ordem, no ano de 1833, o Mestre Felipe Eugênio, arrematou a obra da construção do cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Paula. Ao que tudo indica a obra foi finalizada em 1837, visto que seu portão possui uma placa inscrita em pedra com essa datação. Diferente de todos os demais, o cemitério aqui citado,

não fica anexado a edificação, devido à falta de terreno, sua implantação está próxima a Igreja.

Cercado por baixos muros de pedra argamassada, o pequeno cemitério possui um portão de ferro fundido, emoldura em cantaria. Seu frontão possui um arremate curvilíneo finalizado por dois pináculos e uma cruz central em pedra.



FIGURA 95: Frontispício do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.
Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

Um dos mais belos espaços fúnebres da cidade encontra-se no que podemos chamar “estado de abandono”, contudo, de acordo com a Ordem, será iniciada uma reforma para a revitalização. Sobre essa questão, das ações que serão feitas, um fator a se pensar é como se dará, visto que abriga esse local um rico acervo tumular histórico.

O estado de preservação das sepulturas impossibilita muitas das vezes verificar as inscrições das lapides, porém, não esconde a preciosa arte de alguns túmulos ali presentes. Ao que pode-se perceber são antigos e de fatura apurada, pouco encontrado na arte tumular da cidade. Neles estão representados diversos símbolos fúnebres o que torna potencial fonte iconográfica.



FIGURA 97: Túmulo do início do século XX, com escultura em mármore representando a justiça. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.



FIGURA 96: Sequência de túmulos antigos. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.



FIGURA 99: Cruz tumular esculpida em pedra. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.



FIGURA 98: Túmulos se deteriorando e perdendo parte da sua arte. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

Aos poucos, seu acervo vem se perdendo, muitas ornamentações das sepulturas, incluindo lápides, imagens e cruzes, estão danificadas e amontoadas pelo espaço, não sendo possível identificar de qual túmulo elas se referem. Dentre essas, encontrou-se uma placa do túmulo do fotógrafo, Luiz Fontana, figura de grande relevância para Ouro preto, considerando o acervo fotográfico que produziu sobre a cidade, na década de quarenta, disponibilizado atualmente no IFAC⁴².



FIGURA 100: Lápides diversas cruzes amontoadas ao redor do cemitério, inclusive a do Fotógrafo Luiz Fontana. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

Quanto à Capela Mortuária, atualmente em desuso, mantém-se bem preservada, contudo seu estado de conservação interior é afetado devido ao novo uso que lhe é empreendida, simples depósito de objetos e materiais de construção.

⁴² Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Faculdade de Filosofia da Universidade federal de Ouro Preto.



FIGURA 101: Cruzeiro em cantaria e aos fundos a Capela Mortuária do Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017



FIGURA 102: Interior da Capela Mortuária. Destaque para a eça de madeira. Cemitério de São Francisco de Paula, Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

Por fim, o cemitério de São Francisco de Paula é apenas mais um exemplo em Ouro Preto onde esses espaços, rico de história, são renegados a sua importância cultural. Jaz aqui mais uma parte da nossa memória.



FIGURA 103: Cemitério de São Francisco de Paula. Ouro Preto.

Fonte: SABRINA DELAMORE, 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando toda narrativa discutida no decorrer desse trabalho, torna-se possível uma análise do tema central da pesquisa, cuja abordagem sobre a legitimidade dos espaços cemiterias, enquanto patrimônio cultural, busca justificar a necessidade de medidas protetivas para esses bens.

Levando em conta a riqueza do acervo tumular brasileiro, percebe-se a urgência de diretrizes específicas e eficazes capaz de nortear a classificação e preservação desses locais legalmente, considerando principalmente sua riqueza quer pelo valor histórico, construtivos, arquitetônicos, paisagísticos ou ornamental. Somente dessa forma trataremos o patrimônio fúnebre com sua verdadeira relevância, não apegando apenas a sua monumentalidade artística, mas também aos outros fatores que estão intrínsecos, conforme bem exemplificado na Carta de Juiz de Fora.

Muito além de apenas proteger legalmente os cemitérios, as medidas de salvaguarda devem ser responsáveis por ir além, abrangendo a intangibilidade expressa através dos rituais, tradições e principalmente desmistificando os cemitérios enquanto local de assombro, trazendo para ele seu verdadeiro valor cultural.

Em Ouro Preto é nítida a separação que se faz entre patrimônio e cemitérios, porém, comprova-se através dessa leitura como são indissociáveis um do outro, tornando-se apenas um “organismo”, sendo eles parte da paisagem local.

Já foi dito que a carga cultural desses ambientes muito nos tem a dizer, sendo capaz de ser um testemunho vivo da nossa história. Com isso a utilização dos mesmos enquanto lugares de aprendizado e potencialidade turística se mostra positiva, desde que trabalhadas de forma correta. Os cemitérios enquanto espaço não formal de educação a se propiciar conhecimento, por meio da sensibilização patrimonial mostra-se cada vez mais assertivo, prova disso e a reverberação dessa ideia, já difundida nos cemitérios do Bonfim e Consolação, respectivamente em Belo Horizonte e São Paulo. Contudo para que isso ocorra em Ouro Preto deve ser feito um trabalho de valorização envolvendo seus verdadeiros detentores, a comunidade local.

Como bem esclarecido na carta dos Jardins de Juiz de Fora, atualmente o tombamento e o inventário são uma das poucas medidas que nos é apresentada para salvaguardar esses bens, contudo não apresenta uma solução diante das múltiplas variáveis a serem consideradas, nesses ambientes em contínua transformação. Quando não feito tombamento individual, o inventário se faz como uma medida cautelar muito eficiente, além de documentar o bem e suas características, ele é válido enquanto um registro histórico.

Os cemitérios aqui estudados não possuem tombamento nem inventário individualizado, sendo na maioria das vezes apenas citado nos referentes à igreja e essa abordagem sendo apenas física, e não pela sua representação cultural. Diante disso percebe-se a necessidade da elaboração de um inventário específico para cada cemitério, podendo por meio deste explorar melhor as características do objeto de forma mais ampla relevando suas características construtivas e principalmente culturais.

Observa-se que dentro das próprias instituições responsáveis pelo patrimônio não se tem essa visão, visto que ainda se tem um olhar minimalista sobre seu verdadeiro valor. Isso pode ser visto da forma como são tratados. Os inventários das igrejas são insuficientes de informações desses bens, e quando as tem em certos casos estão de forma indevida.

Digamos de certa maneira que o patrimônio tumular em Ouro Preto, tornaram-se espaços de esquecimento, renegado as novas gerações, visto que, os meios de divulgação da cidade, os sites institucionais de visitação virtual dentre outros sequer atribuem a este sua relevância.

Vimos nos nove cemitérios do Centro Histórico de Ouro Preto basicamente uma separação em dois padrões seguidos: as agremiações religiosas mais ricas seguiam um partido arquitetônico mais monumental, com materiais construtivos mais caros, ornamentação mais trabalhada e capelas mortuárias ricas em detalhes. Já as menos abastadas, devido aos poucos recursos, recorriam a um estilo mais despojado, de muros baixos, capelas mortuárias mais simplórias e túmulos constituídos geralmente de carneiros rasos de argamassa e cal. Essa diferença sinalizava principalmente para o fator social dos membros de cada associação.

Contudo, a todo o momento foi mostrado à singularidade encontrada em cada um desses espaços, seja pela tipologia, pela riqueza ornamental, pelas personalidades sepultadas ou pelos rituais que ainda habitam esses espaços, deixando bem claro dessa forma a importância

cultural de cada um para a cidade. Entender essa relevância requer muito mais que apenas acautelar esses bens, mas sim sensibilizar as pessoas para sua carga cultural.

As particularidades de cada cemitério do centro histórico de Ouro Preto merecem ser consideradas e trabalhadas em suas potencialidades. Como é o caso dos túmulos a serem destacados, os quais em maioria estão degradados e sequer existe sinalização referente a eles.

Após visitar todos esses cemitérios foi possível observar o despreparo para receber os visitantes e a dificuldade em se obter alguma informação, e na maioria das vezes nem os cuidadores do ambiente possuem conhecimento mais amplo do local e sua história. Os portões sempre fechados mostram como esses locais, embora situados ao lado das igrejas, ainda continuam “ocultos” guardando memórias que aos poucos vão se perdendo.

Urge medidas que visem revitalizar esses espaços, dos quais muito já perdeu suas características originais, devido às várias intervenções inadequadas, seja pelos materiais utilizados ou pelas alterações ocasionadas. O caso mais urgente sem dúvida é do cemitério das Mercês de Cima, que além das modificações descaracterizantes, já citadas, encontra-se em um péssimo estado de preservação, da qual sua capela mortuária está fadada a destruição.

Foi possível notar que o crescimento contingencia, conforme referido na carta de Morélia, é um fator problemático recorrente, visto que muitos dos túmulos de valor histórico se perdem para dar lugar aos novos. Sobre isso é interessante ponderar que a falta de um inventário individualizado desses bens, faz com que modificações sejam feitas sem critérios, desta forma, muito se perde.

Caso recorrente e lastimável é o fim dado às capelas mortuárias, significativos exemplares de valor cultural que estão se perdendo e sequer considera-se um novo significado. Possibilidades são várias, um simples exemplo seria a utilização desse ambiente como um espaço de memorial da irmandade, principalmente no viés relacionado a morte, sem dúvida de grande potencial atrativo cultural e histórico e turístico.

Podemos dizer que a não valorização dos espaços cemiteriais de Ouro Preto é apenas mais um reflexo de uma sociedade que o passado já não é mais considerado, e caso não nos sensibilizemos para trata-los da devida forma que merecem, estaremos fadados a esquecer não somente o passado de Minas, mas também de uma sociedade que fez história.

Cabe a nós o despertar para uma nova mentalidade, valorizando não apenas o tangível, que nos impressiona diante de sua monumentalidade, mas sim, o romper de uma visão pragmática em busca de entender e perpetuar nossa cultura. Por fim:

“VANISTAS VANITATUM MEMENTO MORI...”



6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **MEMÓRIA E HISTÓRIA: o cemitério como espaço para educação patrimonial**. In: XXVIII Simpósio Nacional de Historia, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos. São Paulo: ANPUH, 2015. v. 1. p. 1-12. Disponível em :<<http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares> > Acesso em 05 de maio de 2017.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Cemitério e cidade: imagens e representações da morte**. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem/ I Encontro Internacional de Estudos em Imagem, 2013, Londrina. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem/ I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013. p. 1975-1995. Disponível <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/marcelina%20das%20gracas%20de%20almeida.pdf> > acesso em 05 de maio de 2017.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, cultura, memória – múltiplas interseções: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte**. 2007. 419 f. Tese (Doutorado em História)- Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VGRO-7BYFBK>> Acesso em 02 de abril de 2017.

ALVES, Sabrina de Souza. **Dossiê de Restauração do Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco de Assis – Ouro Preto**. 2016. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Conservação e Restauro), Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto, Ouro preto. 2016.

ANDRADE, Rodrigo de Melo F. **Patrimônio histórico e artístico**. Rodrigo e SPHAN. Rio de Janeiro: MEC/Pró-Memória, 1987.

ARAÚJO, Thiago N. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre – Múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

ARÉVALO, Márcia. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** Mariana: I Encontro Memorial do ICHS, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AZEVEDO, Arthur. **Um passeio a Minas.** Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte, Ano XXXIII, 1982.

BORGES, Maria Elízia; SANTANA, Marissol M.; BIANCO, Sabrina Del. **Arte funerária no Brasil: possibilidades de interagir nos programas de ensino, de pesquisa e de extensão na universidade.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 13., 2004, Brasília. [Anais eletrônicos...]. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. p. 192-200.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 05 de outubro de 1988. Artigo 216, dispõe sobre constituição do patrimônio cultural. **DOU**, Poder Executivo. Brasília, DF, 05 de Outubro de 1988.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **DOU**, Poder Executivo. Rio de Janeiro, RJ, 30 de nov. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm> Acesso em 06 de junho de 2017.

BRASIL. LEI de 1 de outubro de 1828. Dá nova forma às Camaras Municipaes, marca suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de paz. Poder Imperial. Rio de Janeiro, RJ, 14 de outubro de 1928. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-1-10-1828.htm> Acesso em 12 de maio de 2017.

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. **DOU**, Poder Executivo. Brasília, DF, 26 de julho de 1961. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm> Acesso em Disponível em: em 06 de junho de 2017.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A Vivência da Morte na Capitania das Minas**. 1986, 125 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade. **Preservação de Artefatos Ornamentais de Ferro Integrados à Arquitetura Estudo de Caso: Cemitério do Imigrante, Joinville, SC**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Castro, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008)** / Elisiana Trilha Castro. - - Santa Catarina: UFSC / PGAU, 2008.

DPHAN. **Compromisso de Brasília**. Brasília:MEC,1970.

Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos, I, 2010, Juíz de Fora. **Carta dos jardins históricos brasileiros dita Carta de Juiz de Fora**. Juiz de Fora. IPHAN, 2010. 13 p. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20dos%20Jardins%20Historicos.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2017.

IEPHA- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico. **Edifício do Necrotério do Cemitério do Bonfim**. Disponível em: < <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/65/bens-tombados-edif%3ADcio-do-necrot%3A9rio-do-cemit%3A9rio-do-bonfim> >. Acesso em 08 de maio de 2017.

JESUS, Ana Carolina Ferreira de. **Projeto de Intervenção no Cemitério de Nossa Senhora do Carmo**. 2009. 58 f. Monografia (Tecnólogo em Conservação e Restauro), Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

LACET, Juliana Lemos. **Os rituais de morte nas Irmandades de escravos e libertos: Vila Rica, século XVIII**. 2003. 53 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2003.

Disponível em: < <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssjll.pdf>> Acesso em 04 de junho de 2017.

LOPES, Luciana Helena. **Projeto de Conservação e Restauo do Cemitério e da Capela Mortuária da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões**. 2010. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Conservação e Restauo), Instituto Federal de Minas Gerais Campus Ouro Preto, Ouro Preto. 2010.

MACHADO, Lourival Gomes. **Barroco Mineiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

MOTTA, Antônio. **Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas**. In: Horizontes antropológicos, ano 16, n. 33, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n33/05.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss321.pdf>> Acesso em 05 de maio de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Dossiê de Tombamento do Cemitério São Miguel Arcanjo**. Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **História**. Disponível em:< <http://www.ouopreto.mg.gov.br/index.php?page=historia> >. Acesso em 02 de junho de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia**. Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Nossa Senhora do Carmo**. Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja Nossa Senhora das Mercês e Perdões**. Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de São Francisco de Assis.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Nossa senhora das Dores.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Santa Efigênia.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de Bom Jesus de Matozinhos e São Miguel e Almas.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de São José.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural: Igreja de São Francisco de Paula.** Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio, Ouro Preto, 2012.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SPHAN. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil.** Uma trajetória. Brasília: MEC, 1980.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Arquitectura. **Cemitérios da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo.** Ficha de Identificação. Disponível em: < <http://www.arquitectura.fau.usp.br/index.php/menu-identificacao-cemiterios-consolacao>>. Acesso em: 07 de julho de 2017.

VIEIRA, Luiz Alberto Sales. **Entre a vida e a morte: interesses populares, representações cristã da morte e medicina social em Minas no século XIX.** 2002. 42 f. Monografia (

Graduação em História)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2002. Disponível em:<http://www.arq.ufmg.br/nehcit/rccontos/monografias/luiz_vieira.pdf> Acesso em 05 de junho de 2017.

< <http://portal.iphan.gov.br/>> Acesso em 5 de junho de 2017.

< <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/>> Acesso em 10 de maio de 2017.

< <http://www.iepha.mg.gov.br/>> Acesso em 10 de julho de 2017.

< <http://www.ouopreto.mg.gov.br/>> Acesso em 15 de julho de 2017.

< [http://www.sistemasigla.org/arquivos/sisnorm/NJ_img\(8531\).pdf](http://www.sistemasigla.org/arquivos/sisnorm/NJ_img(8531).pdf) >. Acesso em: 07 de julho de 2017.

< <https://www.viagemdigital.com.br/cemiterio-bonfim-belo-horizonte/>> Acesso em 12 de julho de 2017.

<[file:///C:/Users/Jefferson/Downloads/Arquivo%20P%C3%BAblico%20Mineiro%20_%20Imagens%20Documentos%20Cartogr%C3%A1ficos%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Jefferson/Downloads/Arquivo%20P%C3%BAblico%20Mineiro%20_%20Imagens%20Documentos%20Cartogr%C3%A1ficos%20(1).pdf)> Acesso em 05 de julho de 2017.

<<http://catacumbamg.blogspot.com.br/2016/02/necroturismo.html>> Acesso em 15 de agosto de 2017.

<<http://g1.globo.com/minas-gerais/fotos/2010/11/veja-fotos-do-patrimonio-do-cemiterio-do-bonfim-em-bh.html>> Acesso 2 de agosto de 2017.

<http://ouopreto.mg.gov.br/static/arquivos/menus_areas/cemit-rio-e-capela-de-s-miguel-arcanjo-parecer-conselho-1.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2017.

<<http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/1286-cemiterio-da-consolacao>> Acesso em 20 de junho de 2017.

<<http://www.eravirtual.org/op/>> Acesso em 06 de junho de 2017.

<https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/ind.asp> Acesso em 06 de junho de 2017.

<<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.fe8f17d002247c2c53bbcfeae2308ca0/?vgnextoid=963c6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD>> Acesso em 12 de agosto de 2017.